

**ANDRÉ JORGE MACHADO VAQUEIRO**

**ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO ENTRE O MEDO DE PERDER O CONTROLO E A  
SUGESTIONABILIDADE**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
2024

ANDRÉ JORGE MACHADO VAQUEIRO

**ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO ENTRE O MEDO DE PERDER O CONTROLO E A  
SUGESTIONABILIDADE**

**Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde  
Trabalho efetuado sob a orientação de:  
Prof. Dr<sup>a</sup> Antónia María Jiménez Ros**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2024

# **ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO ENTRE O MEDO DE PERDER O CONTROLO E A SUGESTIONABILIDADE**

## **Declaração da Autoria do Trabalho**

Declaro ser o(a) autor(a) deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura:

---

(André Jorge Machado Vaqueiro)

**Copyright © André Jorge Machado Vaqueiro**

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

## Agradecimentos

Ao aproximar-se mais um fim de ciclo, olho para trás e vejo todos aqueles que me acolheram nos bons e menos bons momentos e me impulsionaram a chegar mais além. Neste momento acima de tudo sinto gratidão pelas pessoas que tenho ao meu lado e pelas que já partiram, mas que deram um pedaço delas para ser aquilo que sou hoje.

Primeiramente quero agradecer aos meus pais Anabela e Jorge por todo o amor, força e apoio, que sempre foram uma constante. Sem o apoio incondicional deles não estaria aqui. Foram eles que me ensinaram a perseguir os meus objetivos e me reergueram sempre que algo não dava certo. Ao meu mano, um enorme obrigado do fundo do coração pelo amor, força e boa disposição que torna sempre tudo mais leve. Ainda que mais novo sinto que tenho tanto para aprender com ele. Não poderia ter melhor família, vocês dão significado à palavra amor.

Aos meus anjinhos da guarda, avô Ramos, avô Carlos e avó Ilda, obrigado por tanto carinho, aprendizagens e bons momentos. São modelos de pessoas que levo comigo para a vida. Fazeis muita falta!

À minha Bri, obrigado por todo o amor, por todos os bons momentos passados juntos, por me fazeres descomplicar e ver as coisas de uma forma mais bonita. Deste a Faro um significado de segunda casa e sinto que darás o mesmo significado a todos os sítios em que estivermos juntos. Desejo que continuemos a partilhar a vida e a disfrutar das coisas boas que tem.

Quero deixar também o meu agradecimento à Professora Doutora Antónia Ros por, no exercício da sua profissão, me ter fornecido sempre tão bons conselhos e esclarecer as minhas dúvidas; e em segundo pela sua humanidade. Além de uma excelente professora é igualmente uma excelente pessoa.

Aos meus amigos pela amizade e boas vivências juntos, com uma menção especial ao Garcia, amigo de longa data, que tanto bons momentos partilhamos e continuaremos a criar. Mais, obrigado a todos por, não importa onde, melhorarem o dia-a-dia nos sítios onde estamos juntos, seja em Bragança nos sítios do costume, em Faro em “Berlim”, ou em qualquer outro lugar.

Por último, obrigado a todos os participantes que tornaram este estudo possível. Sem vocês este trabalho não passaria de um esboço.

A todos, um muito obrigado!

## Resumo

O medo de perder o controle é um construto que tem sido alvo de vários estudos no campo da psicologia devido à sua transversalidade a várias psicopatologias. A literatura tem abordado a ideia da influência negativa que o medo de perder o controle tem nos contextos terapêuticos, particularmente quando certas técnicas terapêuticas aumentam esse medo nalguns pacientes. Essas técnicas, que preconizam a transferência de controle do cliente para o terapeuta mediante uma maior permeabilidade às sugestões do terapeuta (aumento da sugestionabilidade), podem gerar um sentimento de vulnerabilidade, resultando em menor sucesso terapêutico. Dada a necessidade de mitigar este efeito, o estudo objetivou investigar a relação entre o medo de perder o controle e a sugestionabilidade, como também a interferência de outras variáveis nesta relação, procurando compreender quais as variáveis a adereçar que conduzem a um maior sucesso terapêutico. A amostra deste estudo foi composta por 117 participantes com língua materna portuguesa, os quais deram resposta a um formulário online, que procurou captar os níveis de medo de perder o controle, o grau sugestionabilidade, o autocontrole percebido, a responsabilização excessiva e o locus de controle; e relacionar os dados obtidos para primeiramente entender se o medo de perder o controle se correlaciona com a sugestionabilidade e posteriormente entender a influência das demais variáveis nesta relação. Os resultados indicaram que contrariamente ao expectável, o medo de perder o controle não influencia diretamente a sugestionabilidade. Ademais, conclui-se que essa relação é mediada pela dimensão “sorte” do locus de controle externo. Estes resultados são sugestivos de que pode existir uma influência multifatorial subjacente à relação entre o medo de perder o controle e a sugestionabilidade.

**Palavras-Chave:** medo de perder o controle, sugestionabilidade, sucesso terapêutico, influência multifatorial, locus de controle, transferência de controle

## Abstract

The fear of losing control is a construct that has been the subject of numerous studies in the field of psychology due to its relevance across various psychopathologies. The literature has explored the negative influence that the fear of losing control has in therapeutic contexts, particularly when certain therapeutic techniques increase this fear in some patients. These techniques, which advocate transferring control from the client to the therapist through greater susceptibility to the therapist's suggestions (increased suggestibility), can generate a feeling of vulnerability, resulting in less therapeutic success.

Given the need to mitigate this effect, the study aimed to investigate the relationship between the fear of losing control and suggestibility, as well as the interference of other variables in this relationship, seeking to understand which variables to address that lead to greater therapeutic success. The sample of this study consisted of 117 native Portuguese-speaking participants who responded to an online questionnaire designed to capture levels of fear of losing control, degree of suggestibility, perceived self-control, excessive responsibility, and locus of control. The data obtained were related to first understand whether the fear of losing control correlates with suggestibility and subsequently to understand the influence of other variables in this relationship.

The results indicated that, contrary to expectations, the fear of losing control does not directly influence suggestibility. Furthermore, it was concluded that this relationship is mediated by the "Chance" dimension of the external locus of control. These results suggest that there may be a multifactorial influence underlying the relationship between the fear of losing control and suggestibility.

**Keywords:** fear of losing control, suggestibility, therapeutic success, multifactorial influence, locus of control, transfer of control

## Índice

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Teórico: .....	2
2.1. O Medo de Perder o Controlo.....	2
2.2. O Medo de Perder o Controlo na Psicopatologia .....	3
2.3. O Medo de Perder o Controlo e Outros Construtos Relacionados ao Controlo .. .....	5
2.4. A Sugestionabilidade .....	9
3. Objetivos de Investigação .....	11
3.1. Objetivo Geral: .....	11
3.2. Objetivos Específicos: .....	11
4. Metodologia .....	12
4.1. Caracterização da Amostra .....	12
5. Instrumentos .....	12
5.1. Questionário de Dados Sociodemográficos.....	12
5.2. Beliefs About Losing Control Inventory – BALCI – (Radomsky & Gagné, 2020) .....	13
5.3. Escalas de Locus de Controlo Multidimensional de Levenson - IPC - (Levenson, 1972) .....	13
5.4. Inventario de Sugestionabilidad – I.S – (Ordi & Tobal, 1999).....	14
5.5. Brief Self-Control Scale – BSCS – (Tangney et al., 2004).....	14
5.6. Responsibility Attitudes Scale – RAS – ( Salkovskis et al., 2000).....	15
6. Procedimentos .....	15
6.1. Procedimento de Recolha dos Dados .....	15
6.2. Procedimento de análise dos dados: .....	16
7. Resultados .....	16

7.1. Descrição da Amostra .....	16
7.2. Análise das Associações Entre o Medo de Perder o Controlo e Sugestionabilidade e de Como estas se Associam Individualmente à Idade .....	17
7.2.1. Análise da Correlação Entre a Idade e o Medo de Perder o Controlo (Beliefs About Losing Control Inventory) .....	17
7.2.2. Análise da Correlação Entre a Idade e a Sugestionabilidade (Inventario de Sugestionabilidad) .....	17
7.2.3. Análise das Correlações Entre as Dimensões do Medo de Perder o Controlo (Beliefs About Losing Control Inventory) e as Dimensões da Sugestionabilidade (Inventario de Sugestionabilidad) .....	18
7.3. Análises de Moderação da Relação Entre o Medo de Perder o Controlo, Sugestionabilidade e Construtos Relacionados ao Controlo .....	18
7.3.1. Análise do Efeito de Moderação do Autocontrolo Percebido (BSCS_To) na Relação Entre o Medo de Perder o Controlo e a Sugestionabilidade .....	18
7.3.2. Análise do Efeito de Moderação da Responsabilidade Excessiva (RAS_To) na Relação Entre o Medo de Perder o Controlo e a Sugestionabilidade .....	19
7.3.3. Análise do Efeito de Moderação do Locus de Controlo Interno (I) na Relação Entre o Medo de Perder o Controlo e a Sugestionabilidade .....	19
7.3.4. Análise do Efeito de Moderação do Locus de Controlo Externo “Outros Poderosos” (P) e “Sorte” (C) na Relação Entre o Medo de Perder o Controlo e a Sugestionabilidade .....	20
7.4. Análises dos Efeitos de Mediação da Relação Entre o Medo de Perder o Controlo, Sugestionabilidade e Construtos Relacionados ao Controlo .....	20
7.4.1. Análise do Efeito de Mediação do Autocontrolo Percecionado (BSCS_To) na Relação Entre o Medo de Perder o Controlo e a Sugestionabilidade .....	20
7.4.2. Análise do Efeito de Mediação da Responsabilidade Excessiva (RAS_To) na Relação Entre o Medo de Perder o Controlo e a Sugestionabilidade .....	21
7.4.3. Análise do Efeito de Mediação do Locus de Controlo Interno (I) na Relação entre o Medo de Perder o Controlo e a Sugestionabilidade .....	22
7.4.4. Análise do Efeito de Mediação do Locus de Controlo Externo “Outros Poderosos” (P) e “Sorte” (C) na Relação Entre o Medo de Perder o Controlo e a Sugestionabilidade .....	22

8. Discussão.....	24
8.1. Limitações e Estudos Futuros.....	28
9. Conclusão.....	30
10. Referências bibliográficas.....	33
11. Anexos.....	40

## **Índice de Tabelas**

Tabela 2.1: Comparação dos Construtos Relacionados ao Controle.....	9
Tabela 7.1: Correlação da Idade com os Fatores e Pontuação Global da Sugestionabilidade... .....	18

## **Anexos**

Anexo A – Análise Descritiva Univariada .....	40
Anexo B - Análise das Correlações.....	42
Anexo C - Análises de Moderação.....	44
Anexo D - Análises de Mediação.....	56

## 1. Introdução

A psicologia clínica dispõe de diversas técnicas terapêuticas que dependem da capacidade do indivíduo em aceitar sugestões (Heap & Aravind, 2002; Kabat-Zinn, 1990), tais como o relaxamento progressivo de Jacobson, técnica que envolve a tensão e relaxamento sequencial de diferentes grupos musculares, com o objetivo de reduzir a tensão física e a ansiedade (Jacobson, 1938), o *mindfulness*, prática meditativa que promove a atenção plena ao momento presente, auxiliando na regulação emocional e na redução do estresse (Kabat-Zinn, 1990); e a hipnose, estado de consciência alterado que aumenta a sugestibilidade, sendo utilizada para facilitar mudanças em comportamentos, percepções e emoções (Heap & Aravind, 2002).

No entanto, uma limitação significativa destas abordagens é a ocorrência de reações adversas em alguns indivíduos durante a aplicação dessas técnicas, frequentemente relacionadas ao medo iminente de perder o controle (Spiegel et al., 2005). Essas reações podem afetar negativamente a dinâmica terapêutica, tornando essencial abordá-las para garantir a eficácia das intervenções terapêuticas (Lynn et al., 2015).

A literatura sugere que algumas variáveis psicológicas como responsabilidade excessiva, autocontrole percebido e locus de controle podem influenciar a sugestibilidade dos indivíduos (Gudjonsson & Lister, 1984; Ladouceur et al., 1997a; Ordi & Tobal, 1999). Pessoas com alto senso de responsabilidade, por exemplo, podem ser propensas a sugestões terapêuticas por temerem perder o controle, enquanto um locus de controle externo está associado a uma maior abertura a técnicas sugestivas devido à maior suscetibilidade à influência externa (Rotter, 1966). Desta forma, compreender o funcionamento da sugestibilidade é de extrema importância para a manutenção de resultados terapêuticos favoráveis tanto para o cliente quanto para o psicólogo, devido ao seu poder preditivo do sucesso de certas abordagens terapêuticas.

Assim o objetivo deste presente estudo é investigar de que forma o medo de perder o controle associa-se com a sugestibilidade. Para além disso, esta investigação aborda a questão de como traços relativamente estáveis podem, uma vez associados ao medo de perder o controle, influir indiretamente na diminuição ou aumento dos níveis de permeabilidade ao efeito das sugestões, buscando compreender a natureza da relação entre estes construtos para a promoção de contextos clínicos mais positivos

## **2. Enquadramento Teórico:**

### **2.1. O Medo de Perder o Controlo**

O medo de perder o controlo pode ser descrito como uma ansiedade intensa e irracional arrolada à ideia de não ter controlo sobre pensamentos, comportamentos, emoções, corpo e funções corporais; que levam a pessoa a sentir-se impotente, insegura e angustiada (Heide & Borkovec, 1983; Radomsky, 2022; Turner & Radomsky, 2020). O medo sobre a perda de controlo pode manifestar-se de formas distintas, associado a crenças sobre a importância de manter o controlo de modo a evitar consequências negativas. Consequentemente, os indivíduos engajam em esforços reiterados para diminuir ou anular o próprio desconforto, suprindo as suas necessidades de controlo; que ocorrem com mais frequência comparativamente a qualquer outra pessoa considerada “saudável”; através das tentativas de antecipação e planeamento de aspetos ligados às suas vidas (Borkovec et al., 1983).

Uma das primeiras abordagens a introduzir este construto foi a Teoria do Controlo, proposta por Carver & Scheier (1982) que apresentou a ideia de que os indivíduos buscam constantemente ajustar suas percepções e comportamentos com o objetivo de reduzir discrepâncias entre os seus objetivos e a realidade. O Medo de Perder o Controlo surgiria, então, quando o indivíduo sentia que não conseguia regular seus pensamentos e ações de maneira eficaz.

Outro marco importante no desenvolvimento deste construto foi sua introdução na psicoterapia, especialmente no modelo de Assimilação de Experiências (Stiles et al., 1992). O Medo de Perder o Controlo foi identificado como um marcador de estágios mais iniciais na terapia, onde os clientes começavam a lidar com a emergência de pensamentos e emoções indesejadas que estavam sendo evitados (Lani & Stiles, 1999).

Ainda assim, historicamente o conceito começou a ganhar grande enfoque na área da ansiedade, particularmente nos estudos sobre a POC, onde o medo de perder o controlo sobre pensamentos intrusivos e comportamentos impulsivos foi identificado como um fator central no desenvolvimento e manutenção dos sintomas. Atualmente, novas descobertas indicam que o medo de perder o controlo não se limita a comportamentos externos, mas também pode manifestar-se no medo de perder o controlo sobre emoções como a raiva ou o medo em situações sociais, para além do comportamento, pensamentos e funções corporais. Estas descobertas levaram a uma compreensão mais ampla do construto, aplicando-o também a ansiedade social e condições como a demência, onde o medo de perder o controlo da própria mente torna-se central (Turner & Radomsky, 2020).

## **2.2. O Medo de Perder o Controle na Psicopatologia**

O medo de perder o controle é abordado pela literatura, por autores como Radomsky (2022), como um aspecto transdiagnóstico; é comum a várias perturbações psicológicas; onde o autor aponta para a presença de esquemas de processamento cognitivo nos quais o medo de perder o controle é um aspecto central e que tipificam a Perturbação Obsessiva Compulsiva (POC); a Perturbação de Stresse Pós-Traumático; a Perturbação de Ansiedade Social.

A POC é caracterizada por pensamentos, ideias, impulsos ou imagens - percebidos como irracionais e excessivos pela pessoa que experiencia - denominadas obsessões (Clark & Purdon, 1993). Pelo seu caráter indesejável e persistente, culminam em angústia e em ansiedade, ambos clinicamente significativos. Consequentemente, apontando para a manutenção da homeostasia interna, às obsessões, somam-se comportamentos destinados a reduzir a ansiedade e desconforto que destas advém, por meio de comportamentos ritualísticos internos. Curiosamente, Freeston & Ladouceur (1997), referem o aumento da prevalência da POC sem compulsões externas, que pode chegar a 50-60% dos casos.

É uma patologia com causa desconhecida e natureza não consensual entre autores. Uma das possíveis hipóteses oriundas desta falta de consenso postula que provavelmente seja despoletada por uma complexa interação de fatores genéticos, neurobiológicos, ambientais e psicológicos que apresenta uma prevalência estimada de 1.1% a 1.8% na população (APA, 2014; Jalal et al., 2023).. É igualmente documentado que 30% a 50% das pessoas em fase adulta começaram a desenvolver sintomas desde a infância ou adolescência. Antunes (2018) indica que muitas vezes a partir dos 2 anos já é possível observar rituais comportamentais característicos da POC. Portanto, é uma perturbação que afeta crianças, adolescentes e adultos influenciando significativamente em distintas áreas da vida como no desempenho escolar, funcionamento social e ocupacional (Antunes, 2018).

Pessoas com tendência para as obsessões, frequentemente, acreditam na necessidade de dominar as suas cognições intrusivas. Temem que falhar no exercício de controle trará desdobramentos desastrosos, como perder a rédea sobre as próprias ações, emoções e, no limite, sucumbir à insanidade ou serem vistos como mentalmente instáveis através da perda de controle sobre o pensamento. A percebida incapacidade de governar os pensamentos indesejados é particularmente aflitiva para estas pessoas. Assim, este conjunto de crenças problemáticas relativas à perda de controle, aliadas a uma eficácia cada vez menor para eliminar todas as intrusões desencadeiam um esforço cognitivo intenso e uma vigilância redobrada para detetar tais cognições; o que, paradoxalmente, pode elevar a sua frequência e intensidade, alimentando a continuidade das obsessões e o sofrimento que advém (Clark & Purdon, 1993).

Além da POC, uma das patologias onde, talvez mais, o medo de perder o controlo é estudado, é a Perturbação de Ansiedade Social (PAS) ou fobia social; em muito, talvez se deva ao facto de ser extremamente incapacitante e de elevada prevalência (Cativo & Barata, 2021).

A PAS é caracterizada por um medo persistente e significativo de situações sociais, onde o indivíduo sinta que possa ser alvo de avaliação alheia. De acordo com Radomsky (2022), a PAS está vinculada a emoções e cognições com conotações negativas derivadas de baixas perceções de controlo. A pessoa que sofre desta condição teme que seja interpretado como ansioso e fraco. Este medo é gerador de ansiedade suficiente para que em alguns casos leve a comportamentos de evitamento de situações sociais e à somatização de sintomas físicos, entre os quais o suar, ruborizar e tremer. As situações sociais onde este quadro se manifesta são diversas, contudo para que se possa afirmar que de facto se trata de perturbação, o contacto com o contexto aversivo tem de ser prolongado, e impactar negativamente a qualidade de vida (American Psychiatric Association[APA], 2014).

A nível epidemiológico é estimado que a quantidade de pessoas que sofrem desta condição, nos Estados Unidos da América (EUA) situa-se nos 7% no prazo de um ano e de 12% a 13% no curso de vida (APA, 2014; Westenberg, 2009); na Europa, as estatísticas para a ocorrência da patologia ao longo do período de vida apontam ligeiras diferenças, onde (Alonso & Lépine, 2007) indicam que 2,8% sofrem desta patologia e (Fehm et al., 2005) relatam uma média mais acentuada, situada nos 6,65%; explanado por Westenberg (2009) como sendo provável que a expressão das diferenças socioculturais de cada país incluído nos diferentes estudos, tenham influído na variabilidade. Num período temporal inferior ou igual a um ano, segundo a American Psychiatric Association (2013) a prevalência em solo europeu ronda os 2,3%. Já na população portuguesa, o último estudo epidemiológico sobre saúde mental publicado em 2013 indica uma estimativa de 3,1%. Em adição comparativamente às outras perturbações de ansiedade é uma das que tem início mais precoce, ocorrendo por volta dos 13 anos de idade. Impacta maioritariamente indivíduos de sexo feminino, onde a probabilidade de se verificar PAS neste grupo é 1,5 a 2,2 vezes superior, comparativamente com os pares do sexo masculino (APA, 2014). Porém se for dada atenção às amostras clínicas, sobressai ligeiramente a população masculina, provavelmente pela pressão que as expetativas sociais e do papel de género exercem, e desta forma mobilizam os indivíduos deste sexo na procura de ajuda (APA, 2014).

Estudos indicam que indivíduos com PAS frequentemente acreditam que podem perder o controlo em situações sociais, o que aumenta a sua ansiedade perante estas interações, para

além de diminuir o seu desempenho social, indicando que quanto maior o medo de perder o controle, maior o nível de ansiedade e pior o resultado social (Turner & Radomsky, 2020).

Ao abordar o Medo de Perder o Controle em patologias, torna-se possível compreender como este construto se manifesta em contexto clínico direto. No entanto, por ser um conceito bastante amplo, este vai além das patologias e pode ligar-se a outros construtos relacionados ao controle, incluindo aspetos que transcendem o domínio clínico e afetam a forma como os indivíduos lidam com o controle em diferentes áreas.

### **2.3. O Medo de Perder o Controle e Outros Construtos Relacionados ao Controle**

O medo de perder o controle, como já referenciado, possui impacto negativo significativo na saúde mental e no bem-estar individual, e também pode influenciar o sucesso terapêutico. Compreender de que forma este construto relaciona-se com outros aspetos psicológicos, nomeadamente com o locus de controle, o autocontrole percebido e a responsabilidade excessiva, é essencial para que possam ser desenhadas intervenções mais adaptadas as necessidades dos clientes.

O locus de controle é um conceito psicológico fundamental que se originou na teoria de aprendizagem social de Rotter, Chance, e Phares, 1972, citado por Lefcourt, 1991. Refere-se à crença generalizada de um indivíduo sobre a relação entre as suas características pessoais, ações e os resultados que experimenta na vida. Essa expectativa é derivada de experiências específicas ao longo do tempo. Desenvolve-se de forma abstrata e varia de pessoa para pessoa, pois é fruto de sucessivas constatações sobre as sequências causais; que envolvem os eventos; ao longo das suas vidas (Rotter, 1966). Existem dois tipos principais de locus de controle: interno e externo.

O locus de controle interno está associado à crença de que os resultados das ações são contingentes às próprias atitudes e esforços. Indivíduos com um locus de controle interno tendem a ver os resultados como dependentes do trabalho e empenho que dedicam às suas metas, mentalidade essa, que está relacionada a uma busca ativa de objetivos valorizados, autonomia na tomada de decisões e uma sensação geral de bem-estar. Por outro lado, o locus de controle externo está afeto à crença de que os resultados são mais influenciados por fatores externos; como sorte ou conexões com outras pessoas; do que pelos esforços individuais. Indivíduos com um locus de controle externo podem ser mais propensos à ansiedade, depressão e podem ter dificuldade em lidar com estímulos stressores, pois percebem uma falta de controle e de previsibilidade sobre os seus destinos (Rotter, 1966). Em ambientes onde o indivíduo é confrontado com um leque extenso e constante de oportunidades, a tendência é de que este

apresente uma maior atribuição externa às responsabilidades de suas ações. Isso ocorre devido a facilitação oriunda da multiplicidade de oportunidades, que dificulta ao sujeito distinguir o que é fruto da sorte ou acaso e o que é resultado da sua mobilização. No entanto, em ambientes onde as oportunidades não são tão evidentes, as percepções causais podem ser mais facilmente atribuídas à personalidade ou diferenças individuais mais estáveis. (Lefcourt, 1991).

Torna-se um conceito pertinente para o estudo pois relaciona-se com o medo de perder o controlo de forma que estudos indicam que um locus de controlo externo tende a exacerbar o medo de perder o controlo, já que indica que os indivíduos não teriam controlo o suficiente para prevenir consequências negativas (Cloitre et al., 1992).

Outro constructo relacionado ao controlo bastante pertinente é o autocontrolo, que refere-se à habilidade de gerir impulsos internos e interromper padrões comportamentais. Abrange a capacidade de controlar o comportamento em resposta a consequências a longo prazo e a habilidade de internalizar e manter o controlo sobre as próprias ações. Este processo envolve a avaliação de recompensas imediatas e adiadas, a tomada de decisões baseada em expectativas futuras e a resistência a impulsos imediatos em prol de objetivos de longo prazo (Rachlin, 1974). Portanto, tendo em consideração o exposto, exerce um impacto significativo nas seguintes áreas - redução da agressão e criminalidade; promoção do ajuste psicológico; aprimoramento do desempenho académico; construção de relacionamentos pessoais saudáveis; minimização de problemas relacionados ao controlo de impulsos em transtornos alimentares e abuso de substâncias - mas não se esgotando nelas. (Frieze & Hofmann, 2009).

Conforme frisado por Frieze e Hofmann (2009), o autocontrolo atua como um moderador, influenciando o impacto dos impulsos no comportamento das pessoas. A distinção entre indivíduos com baixo e alto autocontrolo reside na prontidão dos primeiros para agir impulsivamente, enquanto os últimos destacam-se ao resistir à imediata inclinação em agir. Indivíduos com elevado autocontrolo podem experimentar impulsos semelhantes aos de seus pares com baixo autocontrolo, mas destacam-se pela capacidade de avaliar previamente o custo/benefício das ações contingentes à consumação do comportamento. Consequentemente, são propensos a perseguir recompensas a longo prazo em detrimento das recompensas imediatas (Frieze & Hofmann, 2009).

O autocontrolo percebido, faz sentido no âmbito do presente estudo pela relação que a variável baixa autocontrolo tem com o medo de perder o controlo. Indivíduos com baixo autocontrolo percebido são mais suscetíveis a apresentar medo de perder o controlo posto que a previsibilidade dos próprios comportamentos, emoções e pensamentos é baixa (Raeder et al., 2019; Sassaroli et al., 2008).

Ao explorar o medo de perder o controle e outros construtos relacionados ao controle, é possível perceber que o controle percebido muitas vezes define a forma com que os indivíduos lidam com influências externas. Esta busca por manter o domínio sobre as emoções e circunstâncias pode, paradoxalmente, tornar o indivíduo mais vulnerável à sugestão (Gagné & Radomsky, 2020; Gudjonsson & Lister, 1984). Assim, compreender os mecanismos adjacentes à sugestibilidade tornará possível compreender de forma mais completa a relação entre estes dois construtos.

Subjacentes a todos estes construtos está a crença, ou não, por parte do indivíduo, de que pode ser responsável pelos seus pensamentos, comportamentos e pelas consequências relacionadas a eles. A responsabilidade define-se como o reconhecimento e aceitação das ações, escolhas e obrigações de uma pessoa, juntamente com a disposição de ser responsável pelos resultados e consequências que surgem dessas ações (Rankin, 2024). Engloba a consciência e compreensão do papel de um indivíduo e do impacto que ele tem sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o ambiente (Töremen, 2011). Envolve também o reconhecimento de que uma pessoa tem controle sobre os seus pensamentos, emoções e comportamentos, e que é capaz de fazer escolhas e decisões deliberadas (Salkovskis et al., 1999). Isso implica compreender os efeitos potenciais das ações e assumir a responsabilidade pelos resultados, sejam eles positivos ou negativos (Blanton, 1956). Até certo ponto, a responsabilidade pode ser positiva, já que pode auxiliar o indivíduo a ser metódico na perseguição de objetivos; permite alcançar credibilidade junto dos pares, assumindo compromissos; e por aí adiante. Torna-se uma questão problemática quando escala e torna-se excessiva, isto é, quando há um senso exagerado de dever ou obrigação pessoal em relação a eventos ou resultados (Sugiura & Fisak, 2019). Este construto envolve a crença de que se tem um nível incomumente alto de controle ou influência sobre situações, o que muitas vezes leva a uma carga avassaladora de responsabilidade (Coles & Schofield, 2008).

O medo de perder o controle relaciona-se com a responsabilidade excessiva de forma em que indivíduos em situações onde experienciam tanto a responsabilidade excessiva quanto o medo de perder o controle têm as probabilidades de apresentarem comportamentos de verificação e hesitação aumentadas exacerbando o ciclo de ansiedade e controle obsessivo (Ladouceur et al., 1997). Esta relação é constantemente associada ao POC, já que a responsabilidade excessiva é um fator central no desenvolvimento de comportamentos obsessivos e compulsivos (Rhéaume et al., 1995).

Os construtos "locus de controle", "autocontrole percebido" e "responsabilidade excessiva" compartilham semelhanças, pois todos envolvem o conceito de controle sobre ações,

eventos ou comportamentos. O locus de controlo e o autocontrolo percebido tratam da percepção de controlo, seja ele interno ou externo, focando na crença do indivíduo sobre sua capacidade de controlar eventos. A responsabilidade excessiva também lida com questões de controlo, mas enfatiza um senso ampliado, onde a pessoa sente que deve controlar não apenas a si mesma, mas também o ambiente ou outras pessoas. No entanto, as diferenças entre esses construtos são claras: o locus de controlo concentra-se na origem do controlo, se interno ou externo, sem focar no comportamento imediato, enquanto o autocontrolo percebido está mais relacionado à percepção de controlo sobre si mesmo. Por sua vez, a responsabilidade excessiva vai além, envolvendo um senso exagerado de controlo e responsabilidade sobre os outros e o ambiente.

A relação entre estes construtos está indicada na Tabela 2.1

**Tabela 2.1***Comparação dos Construtos Relacionados ao Controlo*

Construto	Foco do construto	Semelhanças entre construtos	Aspeto exclusivo do construto
Locus de Controlo	Origem do controlo		Perceção acerca do controlo (interno ou externo) diante dos resultados
Autocontrolo Percebido	Perceção sobre controlo próprio	Perceção acerca do controlo possuído em diferentes contextos	Capacidade de controlar a si mesmo, suas emoções e comportamentos
Responsabilidade Excessiva	Autoimposição excessiva de deveres e obrigações de forma geral		Controlo sobre o ambiente e outras pessoas
Medo de Perder o Controlo	Receio diante da possibilidade de perder o controlo		Ansiedade e mal-estar pela possibilidade de não ter controlo sobre si e sobre situações.

#### 2.4.A Sugestionabilidade

Tanto o conceito de sugestionabilidade, como o de sugestão tem vindo a ser associados à hipnose e ao controlo da mente humana. Os primeiros estudos nessa área remontam ao final do século XVIII, com o surgimento do interesse pelo funcionamento da mente, onde a sugestionabilidade era definida como uma força natural heurística, com nome de “magnetismo animal”, que poderia contagiar outros indivíduos (Lamont, 2020). Apesar de refutada, esta teoria foi essencial para o reconhecimento da influência da mente sobre o corpo. É com a escola de Nancy, no final do século XIX, que a sugestão e a sugestionabilidade deixam de ser vistas como componentes de um estado de transe místico e passam a ser perspetivadas como uma

explicação para o comportamento hipnótico, com a interpretação de que algumas pessoas poderiam ser mais suscetíveis às sugestões do que outras (Lamont, 2020). No início do século XX, Sigmund Freud, estuda a aplicação destes conceitos à psicanálise; utilizando as sugestões para tentar aceder aos conteúdos do inconsciente (Makari, 1997). Na atualidade, os estudos neste âmbito ainda têm grande impacto no estudo e compreensão da psicologia, no entanto, com maior enfoque em perceber a influência de fatores como características de personalidade, idade e género, na suscetibilidade do indivíduo às sugestões (Van Hook & Steele, 2002).

A sugestão é definida como uma crença ou ideia que pode ser comunicada e que uma vez aceite gera modificações comportamentais significativas. Já a sugestionabilidade engloba todos os processos biopsicossociais que influenciam na probabilidade de uma sugestão ser ou não aceite (Krasinski & Tonelli, 2018). Dessa forma, pode ser definida como a tendência individual para se permitir ser influenciado por estímulos externos ou sugestões, podendo manifestar-se de diversas maneiras, sem reflexão crítica (Krasinski & Tonelli, 2018).

A sugestionabilidade tem sido associada a outras variáveis psicológicas. A correlação deste construto com a desejabilidade social foi comprovada negativa, no entanto fraca; o que indica que a sugestionabilidade não envolve necessariamente um esforço para conformar-se às normas sociais (Stangl et al., 2019). Já em relação ao locus de controlo, a correlação não possui natureza consensual, com estudos indicando tanto correlações negativas quanto positivas (Pereira & Austrin, 1980). No entanto, para este estudo, serão adotados os resultados que apontam para uma correlação negativa, o que implica que indivíduos mais sugestionáveis percebem ter menos controlo sobre os resultados dos momentos que vivenciam. Esta descoberta, confirma a teoria de que a sugestionabilidade está ligada a uma menor percepção de controlo pessoal sobre o ambiente e conseqüentemente uma maior influência de fatores externos. No que tange à ansiedade, a correlação com este construto é positiva. Assim, indivíduos que são mais sugestionáveis geralmente experienciam maiores níveis de ansiedade, o que pode levar a uma sensibilidade aumentada a todo e qualquer estímulo que possa ser percebido como ameaçador (Wolfradt & Meyer, 1998). Isto indica, que a sugestionabilidade possa estar de alguma forma relacionada a uma maior reatividade emocional. Por fim, indivíduos mais sugestionáveis tendencialmente preocupam-se e percebem mais as suas funções corporais e mudanças psicofisiológicas, indicando que a sugestionabilidade pode estar associada a uma maior vigilância em relação à saúde; o que corrobora a correlação positiva entre este construto e a hipocondria (Krasinski & Tonelli, 2018).

No que tange a relação deste construto com o medo de perder o controlo, são poucos os estudos que buscam compreender a relação apenas do medo de perder o controlo e da

sugestionabilidade, sem considerar outras variáveis. Na generalidade, as relações envolvem variáveis terciárias como a ansiedade, que uma vez afetadas pelo medo de perder o controlo alteram os níveis de sugestionabilidade. Desta forma, este estudo busca não só compreender qual o impacto que certas variáveis podem ter na relação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade como também perceber se existe alguma relação exclusiva entre estes dois construtos que explique mecanismos por de trás da adesão a técnicas terapêuticas que têm subjacentes a transferência de controlo.

### **3. Objetivos de Investigação**

#### **3.1. Objetivo Geral:**

Com este trabalho objetiva-se analisar a associação entre o medo de perder o controlo e a resposta perante a sugestão.

#### **3.2. Objetivos Específicos:**

Para a consecução do objetivo geral ir-se-á:

1- descrever o medo de perder o controlo dos participantes da amostra; 2 - descrever os participantes da amostra na variável sugestionabilidade; 3 – descrever o locus de controlo dos participantes da amostra; 4 – descrever o autocontrolo percebido da amostra; 5 – descrever os níveis de responsabilidade dos respondentes; 6 – analisar a associação direta entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade; 7 - analisar a associação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade e se o autocontrolo percecionado poderá moderar ou mediar a relação; 8- Analisar a associação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade e se esta relação poderá estar mediada ou moderada pela responsabilidade excessiva; 9 - Analisar se a associação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade poderá ser moderada ou mediada pelo *locus* de controlo.

De forma a ir ao encontro dos objetivos de estudo formulamos as seguintes hipóteses:

H1 – O medo de perder o controlo influencia direta e positivamente a sugestionabilidade.

H2 – O autocontrolo percecionado influencia a relação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade.

H3 – A responsabilidade excessiva influencia a relação entre medo de perder o controlo e a Sugestionabilidade.

H4 – O locus de controlo influencia a relação entre o medo de perder o controlo e a sugestibilidade.

## **4. Metodologia**

### **4.1. Caracterização da Amostra**

Este estudo recorreu a um design correlacional transversal. Os dados foram recolhidos num único momento, onde os participantes responderam a um conjunto de instrumentos psicométricos e a um questionário de dados sócio demográficos.

A amostra foi composta por 117 participantes, dos quais 39,9% são homens e 60,7% mulheres. As idades oscilam entre os 17 e os 72 anos ( $M = 35.78$ ;  $DP = 14.49$ ).

No que concerne à nacionalidade dos participantes a grande maioria (92,3%) dos participantes são de nacionalidade portuguesa, seguidos por 6,0% de brasileiros e 0,9% tanto para os participantes franceses quanto romenos.

A respeito das habilitações literárias a maior percentagem dos participantes possui licenciatura (44,4%), seguida por aqueles com ensino secundário (37,6%), mestrado (15,4%) e uma pequena minoria com 3º ciclo (1,7%) e 2º ciclo (0,9%).

Quanto ao estatuto laboral a maioria dos participantes trabalha por conta de outrem (48,7%), 22,2% são estudantes, 14,5% trabalham por conta própria, 6,8% estão desempregados, 2,6% são reformados e 5,1% são trabalhadores-estudantes.

Em termos de situação socioeconómica atual, 52,1% consideram-na razoável, 32,5% confortável e 15,4% desconfortável.

Por último, com relação ao estado civil é apresentada uma média igual 1.81 ( $DP = .96$ ). A maioria da amostra é solteira (56,4%), seguida por casados (35,9%), divorciados (6,8%) e viúvos (0,9%).

## **5. Instrumentos**

### **5.1. Questionário de Dados Sociodemográficos**

Foi aplicado à totalidade da amostra, com o objetivo de recolher dados como: língua materna; sexo; idade dos participantes; nacionalidade; estado civil; habilitações literárias; estatuto laboral; dados relativos ao nível socioeconómico atual; e diagnóstico de doença psiquiátrica.

## 5.2. Beliefs About Losing Control Inventory – BALCI – (Radomsky & Gagné, 2020)

Selecionamos este instrumento para capturar crenças negativas relativas ao medo de perder o controle. A BALCI inclui 21 itens distribuídos por 3 fatores. O primeiro fator “Pensamentos/Comportamento/ Emoções” (TBE) agrupa as crenças negativas da perda de controle sobre os pensamentos, o comportamento e as emoções. O segundo fator “Importância de Permanecer no Controle” (ISC) inclui as crenças sobre a importância de manter o controle. Por último, o terceiro fator “Corpo e Funções Corporais” (BBF) envolve as crenças sobre a perda de controle sobre o próprio corpo/funções corporais.

Cada item é respondido através de uma escala de *likert* de 5 pontos onde: 0 - Nada verdadeira; 1 - Pouco verdadeira; 2 - Moderadamente verdadeira; 3 - Consideravelmente verdadeira; 4 - Totalmente verdadeira.

Recorreu-se à tradução do instrumento realizada pelos autores do presente estudo. Para a amostra deste estudo, à semelhança dos resultados obtidos por Radomsky & Gagné (2020), consistência interna para ambas as escalas total e TBE foi excelente com  $\alpha = .93$ . Já para as escalas ISC ( $\alpha = .79$ ) e BBF ( $\alpha = .66$ ) os *Alfa de Cronbach* foram aceitável e bom, respetivamente.

## 5.3. Escalas de Locus de Controlo Multidimensional de Levenson - IPC - (Levenson, 1972)

A escala é composta por três escalas: “*Internalidade*” (I), “*Outros Poderosos*” (P) e “*Sorte*” (C), cada uma com 8 itens de autorrelato, aos quais é dada resposta através de uma escala *likert* de 6 pontos que varia entre -3 = discordo fortemente a +3 = concordo fortemente. Cada uma das escalas pode produzir pontuações entre 0 e 48. Valores altos: na “*Internalidade*” indicam que os respondentes sentem controlo sobre a própria vida; na “*Outros Poderosos*” indicam que os respondentes esperam que pessoas influentes controlem as suas vidas; e na escala “*Sorte*” indicam que os respondentes sentem que a sorte controla as suas vidas.

A consistência interna foi calculada através do método de Kuder-Richardson onde obtiveram .64 para “*Internalidade*”, .77 para “*Outros Poderosos*” e .78 para “*Sorte*”. Recorreu-se à tradução elaborada pelos autores do presente estudo. Recorreu-se à tradução para português europeu feita pelos autores deste estudo. Para esta amostra, foi obtida uma consistência interna moderadamente alta semelhante ao que Levenson (1981) reportou, com  $\alpha = .72$  para a escala “*Internalidade*”, de  $\alpha = .81$  para a escala “*Outros Poderosos*” e de  $\alpha = .77$  para a escala “*Sorte*”.

#### **5.4. Inventario de Sugestionabilidad – I.S – (Ordi & Tobal, 1999)**

A Escala de Sugestionabilidade (I.S.) é uma medida geral do construto sugestionabilidade, composta por 22 itens de autorrelato respondidos numa escala do tipo *likert* de cinco pontos, a qual varia entre 0 = quase nunca a 4 = quase sempre.

A análise fatorial revelou uma estrutura de quatro fatores independentes. O primeiro é nomeado “fantasioso” e avalia a capacidade do indivíduo fantasiar situações como também a tendência a evadir-se ou a desejar imergir na imaginação; por exemplo, conectar-se profundamente com uma música ou voz que o cativa. Ao segundo fator deu-se o nome de “Absorção/Concentração” e os itens correspondentes exploram a capacidade da pessoa focar a atenção, concentrar-se quer seja em imagens, sons, sensações próprias, ou até mesmo a experimentar sensações vívidas através da imaginação. O terceiro fator, denominado “Implicação Emocional” reflete a capacidade do sujeito para envolver-se ativa e emocionalmente em situações do dia a dia. O quarto e último fator, “Influenciabilidade”, capta o grau em que a pessoa deixa que os outros o influenciem, isto é, quanto permite que os outros interfiram nos seus pensamentos, atitudes e estado de humor. Os 22 itens subdivididos por 4 fatores, explicam 47,8% da variância. Além disso, o Coeficiente *Alfa de Cronbach* para o total da prova foi de ( $\alpha = 0.79$ ), indicando uma consistência interna aceitável. No presente estudo foi feita a tradução do instrumento para a língua portuguesa. O cálculo do *Alfa de Cronbach* para o total do instrumento, nesta amostra, demonstrou uma boa consistência interna ( $\alpha = .82$ ). A respeito dos fatores, obteve-se uma consistência interna adequada para o fator “Fantasioso” ( $\alpha = .75$ ) e “Influenciabilidade” ( $\alpha = .76$ ); e inaceitável para “Absorção/Concentração” ( $\alpha = .53$ ) e “Implicação Emocional” ( $\alpha = .51$ ).

#### **5.5. Brief Self-Control Scale – BSCS – (Tangney et al., 2004)**

Tangney et al. (2004) construiu uma escala de autorrelato que mede o autocontrole. Recorremos à versão de 13 itens – derivada da escala original *Self Control Scale* (SCS) formada por 36 itens, da mesma autoria – mensurados por meio de uma escala *likert* que varia entre 1- Totalmente falso e 5- Totalmente verdade.

A BSCS contempla itens invertidos. Após a sua recodificação, somam-se as respostas aos 13 itens, valor que representa o autocontrole total; pode variar entre 5 (baixo autocontrole) e 65 (alto autocontrole).

Dois estudos foram realizados por Tangney et al. (2004) para estudo das propriedades psicométricas da BSCS.

A escala original (BSCS) apresenta um nível bom de consistência interna com  $\alpha=.83$ , no estudo 1 e  $\alpha=.85$  no estudo 2. Recorreu-se à tradução do instrumento realizada pelos autores do presente estudo. A amostra em análise parece ter igualmente boa consistência interna ( $\alpha = .80$ ), à semelhança dos resultados obtidos por Tangney et al. (2004).

### **5.6. Responsibility Attitudes Scale – RAS – ( Salkovskis et al., 2000)**

Esta escala foi selecionada desenvolvida para mensurar a propensão de uma pessoa em assumir responsabilidade em diversas situações, através da expressão do grau de concordância com as afirmações de cada item. É uma escala *likert* com pontuações de 1 = Concordo Totalmente a 7 = Discordo Totalmente, composta por 26 itens cuja pontuação varia entre 7, baixa responsabilidade, e 182 responsabilidade excessiva.

O instrumento original obteve uma consistência interna excelente com coeficiente *Alfa de Cronbach* de  $\alpha = 0,90$ . Recorreu-se à tradução do instrumento realizada pelos autores do presente estudo. De igual modo, a amostra deste estudo parece ter uma consistência interna excelente ( $\alpha = .93$ ).

## **6. Procedimentos**

### **6.1.Procedimento de Recolha dos Dados**

Para efetuar a recolha dos dados primeiramente divulgou-se o estudo através das redes sociais. Foi solicitado aos voluntários o preenchimento do consentimento informado e posteriormente do formulário online através da plataforma *EU Survey*, com duração aproximada de 15 minutos.

O formulário online consistia em 6 etapas. Em primeiro lugar foi recolhida a informação sociodemográfica, com objetivo de compreender melhor a amostra do estudo. Depois, foi pedido que respondessem aos seguintes instrumentos: “*Beliefs About Losing Control Inventory*” para, mediante autorrelato, conhecer as crenças negativas à cerca da perda de controlo mais preponderantes e assim quantificar o nível de perder o controlo dos participantes, como também entender quais os domínios do medo de perder o controlo que mais contribuíam para o *score* total. Seguidamente, o “*Inventario de Sugestionabilidad*” objetivou perceber o quão sugestionáveis são os respondentes através das reações de sugestionabilidade com base na resposta a situações cotidianas abrangentes; e compreender quais os fatores da sugestionabilidade que mais sobressaem na amostra. A “*Brief Self Control Scale*” avaliou a

capacidade de autocontrolo em adiar gratificações imediatas ou comportamentos indesejáveis para alcançar objetivos a longo prazo ou agir de acordo com normas ou valores sociais e morais. A escala “IPC”, foi empregue para captar a perceção dos participantes sobre a contingência das suas ações. Por último, a “*Responsibility Attitude Scale*” foi usada para avaliar as crenças pessoais sobre responsabilidade e assim distinguir entre os participantes com maior sentimento de responsabilidade, daqueles que se sentem menos responsáveis.

## **6.2.Procedimento de análise dos dados:**

Atinente à análise de dados, recorreu-se ao *IBM SPSS STATISTICS 29* de modo a conceber as análises estatísticas a seguir mencionadas. Foram utilizadas análises descritivas univariadas objetivando conhecer a amostra; análises de correlações; e análises de moderação e mediação através do procedimento de análise *Process* de Hayes (2022).

# **7. Resultados**

## **7.1. Descrição da Amostra**

Antes de adereçarmos os nossos objetivos pretendemos conhecer os participantes da nossa amostra através das análises descritivas encontradas no anexo A.

Começando pela idade dos participantes que variou entre os 17 e os 72 anos, a média foi de 35,78, com um erro padrão de 14,49 refletindo uma amostra diversificada neste quesito. Quanto ao género há uma ligeira predominância de participantes do género feminino 71, para 46 masculinos ( $M = 1.61$ ;  $DP = 0.49$ ).

A respeito do variável medo de perder o controlo, notavelmente as crenças sobre a importância de manter o controlo (ISC) foi a dimensão que mais se destacou, com um nível moderado, uma vez que a média corresponde a 62.9% da pontuação possível de obter nesta dimensão ( $M = 7.55$ ;  $DP = 3,14$ ). Seguem-se as crenças negativas sobre perder o controlo dos pensamentos comportamentos e emoções (TBE), com um nível baixo a moderado de expressão, pois apesar desta dimensão ter uma maior média superior apresenta alta dispersão e corresponde a aproximadamente 32,7% do total possível ( $M = 18.29$ ;  $DP = 11.57$ ). O medo de perder o controlo sobre o corpo e funções corporais (BBF) teve uma média correspondente a 25.5% do total da subescala, indicando a tendência da amostra a pontuar mais baixo nesta dimensão ( $M = 3.92$ ;  $DP = 3.35$ ). No score total, que junta todas as dimensões supracitadas, os inquiridos refletiram um nível baixo a moderado de medo de perder o controlo, onde a média correspondeu a 33,8% do total possível para esta escala ( $M = 29.76$ ;  $DP = 15.57$ ).

Mais, conhecemos a tendência dos respondentes a deixarem-se influenciar por sugestões. Na dimensão “absorção ou concentração”, em média, os participantes alcançaram 61.7% da pontuação máxima possível na subescala exprimindo a tendência moderada a alta a concentrarem-se em imagens e sensações ( $M = 9.87$ ;  $DP = 2.71$ ). As pontuações da dimensão “fantasioso” situaram-se entre os 0 e os 16, o que em proporção corresponde a 50.2% da pontuação máxima da subescala; estes valores indicam um nível moderado para “sonhar desperto” ( $M = 8.03$ ;  $DP = 3.79$ ). De igual modo, os dados que aludem à dimensão “influenciabilidade” são sugestivos de uma propensão moderada à influência de terceiros nos comportamentos, pensamentos e humor dos respondentes ( $Mín = 0$ ;  $Máx = 16$ ;  $M = 8.15$ ;  $DP = 3.50$ ). A dimensão que parece impactar menos a sugestionabilidade nesta amostra é a “implicação emocional” com pontuações entre 1 e 17 e média de 8.03 ( $DP = 3.55$ ). Em média, as pontuações nesta dimensão chegaram a 40,2% do seu total e, portanto, é indicador de um nível moderado de envolvimento emocional e ativo com estímulos externos. Acerca das pontuações de sugestionabilidade globais (IS\_Total) a pontuação mínima foi 14 e a máxima observada 70. Considerando, que a pontuação máxima possível para o inventário é de 88, a média aponta para um nível médio de sugestionabilidade global da amostra com uma heterogeneidade de respostas significativa entre os participantes ( $M = 41,23$ ;  $DP = 11.11$ ).

## **7.2. Análise das Associações Entre o Medo de Perder o Controlo e Sugestionabilidade e de Como estas se Associam Individualmente à Idade**

### **7.2.1. Análise da Correlação Entre a Idade e o Medo de Perder o Controlo (Beliefs About Losing Control Inventory)**

Na análise da correlação entre a idade e o medo de perder o controlo), não foram achados quaisquer resultados significativos (Anexo B). As correlações com a idade foram as seguintes: para a subescala BBF ( $r = 0,142$ ; *n.s*); seguindo-se da correlação com o *score* total ( $r = .054$ , *n.s*); com a TBE apresentou ( $r = .031$ ; *n.s*); e com a ISC ( $r = 0,001$ ; *n.s*) (Tabela B.1).

### **7.2.2. Análise da Correlação Entre a Idade e a Sugestionabilidade (Inventario de Sugestionabilidad)**

Ao confrontar as pontuações obtidas nas dimensões e escala total do Inventário de Sugestionabilidade com a idade dos participantes, como se pode ver na tabela 6.1, obtivemos

uma correlação moderada negativa entre as pontuações globais de sugestionabilidade e a idade ( $r = -0.38$ ;  $p < 0.001$ ).

Partindo para as dimensões, a idade apresenta uma correlação moderada negativa com dimensão Fantasiado ( $r = -.39$ ;  $p < .001$ ); seguindo-se uma correlação moderada negativa com a Influenciabilidade ( $r = -.31$ ;  $p < .001$ ); e uma correlação fraca negativa com a Implicação Emocional ( $r = -.24$ ;  $p = .01$ ).

Finalmente, a dimensão Absorção ou Concentração não apresentou uma correlação significativa com a idade ( $r = -0.03$ ;  $n.s.$ ).

**Tabela 7.1**

*Correlação da Idade com os Fatores e Pontuação Global da Sugestionabilidade (N = 117)*

		Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	IS Total
Idade	Correlação de Pearson	-,394**	-,033	-,239**	-,307**	-,383**

*Nota:* Fantasiado (fator 1); AbsorçãoOuConcentração (fator 2); ImplicaçãoEmocional (fator 3); Influenciabilidade (fator4); IS\_Total (pontuação global de sugestionabilidade)

### **7.2.3. Análise das Correlações Entre as Dimensões do Medo de Perder o Controle (Beliefs About Losing Control Inventory) e as Dimensões da Sugestionabilidade (Inventario de Sugestionabilidad)**

Objetivando compreender se as dimensões do medo de perder o controle se associavam de algum modo às da sugestionabilidade procedemos à análise correlacional da qual não foi possível extrair nenhuma relação significativa como se pode ver na tabela B.2 (Anexo B). Portanto, os resultados negam a existência da associação direta entre a variável medo de perder o controle e sugestionabilidade.

## **7.3. Análises de Moderação da Relação Entre o Medo de Perder o Controle, Sugestionabilidade e Construtos Relacionados ao Controle**

### **7.3.1. Análise do Efeito de Moderação do Autocontrole Percebido (BSCS\_To) na Relação Entre o Medo de Perder o Controle e a Sugestionabilidade**

De modo testar a veracidade de H2, analisou-se se existia o efeito de moderação do autocontrole percebido sobre a relação entre o medo de perder o controle e a

sugestionabilidade. Para o modelo em que o autocontrole percebido (BSCS\_To) é a variável moderadora e a sugestionabilidade e o medo de perder o controle são a variável dependente e independente (Tabela C.1, Anexo C), respectivamente, foi encontrada uma variação significativa da sugestionabilidade global de  $R^2 = 0,1314$ ,  $p < 0,0011$ . Em adição, o autocontrole percebido constitui-se um preditor significativo e negativo da sugestionabilidade ( $t = -3,6924$ ,  $p = 0,0003$ ); este resultado sugere que à medida que o autocontrole percebido aumenta, menor é a pré-disposição para ser sugestionável. A respeito dos coeficientes individuais o medo de perder o controle não é um preditor significativo da sugestionabilidade, uma vez que apresenta um coeficiente de  $.04$  e  $p = 0,57$ , semelhante ao que acontece na interação entre o medo de perder o controle e o autocontrole percebido ( $\beta = .01$ ,  $p < .13$ ) onde o resultado indica que não há evidência suficiente para concluir que o efeito do medo de perder o controle sobre a sugestionabilidade é moderado pelo autocontrole percebido.

### ***7.3.2. Análise do Efeito de Moderação da Responsabilidade Excessiva (RAS\_To) na Relação Entre o Medo de Perder o Controle e a Sugestionabilidade***

De seguida pretendeu-se testar H3 que preconiza a influência da responsabilidade excessiva na relação entre o medo de perder o controle e a sugestionabilidade. O modelo de regressão testado apresentou um coeficiente de determinação  $R^2$  de  $0,0183$  não significativo ( $p = .55$ ), sugestivo de que o modelo não é válido, o que implica que a variável medo de perder o controle, responsabilidade excessiva e a sua interação não explicam de forma relevante a sugestionabilidade (Tabela C.2, Anexo C).

### ***7.3.3. Análise do Efeito de Moderação do Locus de Controle Interno (I) na Relação Entre o Medo de Perder o Controle e a Sugestionabilidade***

Esta análise; cujos resultados podem ser encontrados na tabela C.3 (Anexo C); buscou confirmar a H4, isto é, se o locus de controle interno (I) influencia a relação entre o medo de perder o controle e a sugestionabilidade, neste caso moderando-a. O modelo apresentou um  $R^2$  de  $0,0206$  mostrando que apenas  $2,06\%$  da variância na sugestionabilidade foi explicada pelas variáveis analisadas, não sendo estatisticamente significativo ( $F = 0,7914$ ,  $p = 0,5011$ ).

#### **7.3.4. Análise do Efeito de Moderação do Locus de Controlo Externo “Outros Poderosos” (P) e “Sorte” (C) na Relação Entre o Medo de Perder o Controlo e a Sugestionabilidade**

Esta análise objetivou confirmar a H4, isto é, se o locus de controlo influencia a relação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade. Não foram encontradas relações significativas entre as variáveis estudadas (Tabela C.4, Anexo C). O modelo apresentou uma variação não significativa 4.08% ( $p = .19$ ), indicando que o medo de perder o controlo e a dimensão “Outros Poderosos” do locus de controlo não explicam uma percentagem significativa da sugestionabilidade. Além disso, o teste F resultou num valor de 1,6020 com um  $p = 0,1929$ , indicando que não há relação direta entre a Balci\_To e a IS\_Total ou a IPC\_PO e a IS\_Total.

Estudou-se de igual modo a existência da moderação que a dimensão “Sorte” do locus de controlo externo (Tabela C.5, Anexo C) tem na relação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade. A variável moderadora “Sorte” demonstrou um efeito significativo sobre a sugestionabilidade (coeficiente = 0,2950,  $p = 0,0141$ ), sugerindo que níveis mais altos deste tipo de locus de controlo externo estão associados a aumentos da sugestionabilidade global. Os resultados indicam que o modelo geral não é significativo com um coeficiente de determinação  $R^2 = 0,0624$  ( $F = 2.51$ ,  $p = .06$ ), sugerindo que apenas 6,24% da variabilidade da sugestionabilidade é explicada pelas restantes variáveis incluídas no modelo de regressão.

Ademais, parece não existir associação significativa direta entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade (coeficiente = 0,0179,  $p = 0,7939$ ). A interação Balci\_To e IPC\_C (coeficiente = 0,0032,  $p = 0,6169$ ) não foi significativa, demonstrando que o efeito do medo de perder o controlo sobre a sugestionabilidade não depende dos níveis do locus de controlo externo do tipo “Sorte”.

### **7.4. Análises dos Efeitos de Mediação da Relação Entre o Medo de Perder o Controlo, Sugestionabilidade e Construtos Relacionados ao Controlo**

#### **7.4.1. Análise do Efeito de Mediação do Autocontrolo Percecionado (BSCS\_To) na Relação Entre o Medo de Perder o Controlo e a Sugestionabilidade**

Para verificar a veracidade de H2 que preconiza a influência do autocontrolo percecionado ( $M$  - mediadora) na relação entre o medo de perder o controlo ( $X$  - independente) e a sugestionabilidade ( $Y$  - dependente) procurou-se a existência de mediação na relação supracitada que é detalhada no anexo D (Tabela D.1). Inicialmente, foi avaliado o efeito do

medo de perder o controle sobre o autocontrole percebido. O modelo revelou que o medo de perder o controle teve um efeito negativo e significativo sobre o autocontrole percebido ( $\beta = -.12$ ,  $DP = .05$ ,  $t = -2.37$ ,  $p = .02$ ), sugerindo que à medida que os valores do medo de perder o controle aumentam, os valores do autocontrole percebido diminuem. Esse modelo foi significativo ( $F_{[1,115]} = 5.62$ ,  $p = .02$ ) e explicou cerca de 4.66% da variância do autocontrole percebido ( $R^2 = .046$ ). Em seguida, foi examinado o efeito do medo de perder o controle e do autocontrole percebido sobre a sugestionabilidade. O autocontrole percebido apresentou um efeito negativo e significativo sobre a sugestionabilidade ( $\beta = -.41$ ,  $DP = .11$ ,  $t = -3.65$ ,  $p = .0004$ ), enquanto o medo de perder o controle não teve um efeito direto significativo sobre a sugestionabilidade ( $\beta = .02$ ,  $DP = .06$ ,  $t = .29$ ,  $p = .77$ ). O modelo geral foi significativo ( $F_{[2, 114]} = 7.30$ ,  $p = .001$ ) e explicou aproximadamente 11.35% da variância da sugestionabilidade ( $R^2 = .1135$ ). Além disso, o efeito indireto do medo de perder o controle sobre a sugestionabilidade via autocontrole percebido foi significativo, conforme indicado pelo intervalo de confiança *bootstrap* ( $\beta = .05$ ,  $BootSE = .03$ ,  $BootLLCI = 0.006$ ,  $BootULCI = .109$ ), sugerindo uma mediação parcial. Isso significa que o medo de perder o controle afeta a sugestionabilidade indiretamente por meio do autocontrole percebido, enquanto o efeito direto do medo de perder o controle sobre a sugestionabilidade não foi significativo.

#### **7.4.2. Análise do Efeito de Mediação da Responsabilidade Excessiva (RAS\_To) na Relação Entre o Medo de Perder o Controle e a Sugestionabilidade**

Para verificar a veracidade de H3 que preconiza a influência da responsabilidade excessiva (*M - mediadora*) na relação entre o medo de perder o controle (*X - independente*) e a sugestionabilidade (*Y - dependente*) procurou-se a existência de mediação na relação supracitada (Tabela D.2, Anexo D). Inicialmente o efeito do medo de perder o controle sobre a responsabilidade excessiva foi avaliado. O modelo revelou que o medo de perder o controle teve um efeito negativo e significativo sobre a responsabilidade excessiva ( $\beta = -.79$ ,  $DP = .14$ ,  $t = -5.56$ ,  $p < .001$ ), sugerindo que à medida que os valores do medo de perder o controle aumentam, os valores associados à responsabilidade excessiva diminuem. O modelo foi significativo ( $F_{[1, 115]} = 30.93$ ,  $p < .001$ ), explicando cerca de 21.2 % da variância da responsabilidade excessiva ( $R^2 = .212$ ). Em seguida, o efeito do medo de perder o controle sobre a sugestionabilidade foi examinado. Nenhuma das variáveis apresentou um efeito significativo sobre a sugestionabilidade. O medo de perder o controle não teve um efeito direto significativo ( $\beta = .05$ ,  $DP = .07$ ,  $t = .67$ ,  $p = .50$ ) e a responsabilidade excessiva também não

apresentou um efeito significativo sobre a sugestionabilidade ( $\beta = -.02$ ,  $DP = .04$ ,  $t = -.58$ ,  $p = .57$ ). O modelo geral não apresentou significância ( $F_{[1, 114]} = .72$ ,  $p = .49$ ) e explica apenas 1.25% da variância da variável sugestionabilidade ( $R^2 = .001$ ). Além disso, o efeito indireto do medo de perder o controle sobre a sugestionabilidade através da responsabilidade excessiva não foi significativo ( $\beta = .02$ ,  $BootSE = .03$ ,  $BootLLCI = -.05$ ,  $BootULCI = .08$ ).

#### **7.4.3. Análise do Efeito de Mediação do Locus de Controle Interno (I) na Relação entre o Medo de Perder o Controle e a Sugestionabilidade**

Para verificar a veracidade de H4 que preconiza a influência do locus de controle na relação entre o medo de perder o controle ( $X$  - independente) e a sugestionabilidade ( $Y$  - dependente) procurou-se a existência do efeito mediação do locus de controle interno ( $M$  - mediadora) na relação supracitada (Tabela D.3, Anexo D). Inicialmente, estudou-se o efeito do medo de perder o controle sobre o locus de controle interno, tendo os resultados apontado para a ausência de efeito significativo ( $\beta = .0043$ ,  $DP = .05$ ,  $t = .09$ ,  $p = .09$ ). O modelo não foi significativo ( $F_{[1, 115]} = .02$ ,  $p = .93$ ) e explicou apenas 0.01% da variância do locus de controle interno ( $R^2 = .0001$ ), sugerindo que o medo de perder o controle não tem impacto no locus de controle interno. Em seguida, estudou-se o efeito que o medo de perder o controle e o locus de controle interno têm sobre a sugestionabilidade. Os resultados mostraram que nenhum dos preditores teve um efeito significativo sobre a sugestionabilidade total. O medo de perder o controle não apresentou um efeito direto significativo sobre a sugestionabilidade ( $\beta = .07$ ,  $DP = .07$ ,  $t = 1.05$ ,  $p = .29$ ) e o locus de controle interno também não teve um efeito significativo sobre a sugestionabilidade ( $\beta = .13$ ,  $DP = .12$ ,  $t = 1.08$ ,  $p = .28$ ). O modelo geral não foi significativo ( $F_{[2, 114]} = 1.14$ ,  $p = .32$ ), explicando apenas 1,96% da variância da sugestionabilidade ( $R^2 = .02$ ). Além disso, o efeito indireto do medo de perder o controle sobre a sugestionabilidade via locus de controle interno não foi significativo ( $\beta = .0006$ ,  $BootSE = .0089$ ,  $BootLLCI = -.0197$ ,  $BootULCI = 0.0184$ ).

#### **7.4.4. Análise do Efeito de Mediação do Locus de Controle Externo “Outros Poderosos” (P) e “Sorte” (C) na Relação Entre o Medo de Perder o Controle e a Sugestionabilidade**

Para verificar a veracidade de H4 que preconiza a influência do locus de controle na relação entre o medo de perder o controle e a sugestionabilidade procurou-se a existência do efeito de mediação do locus de controle externo na relação supracitada. Nesta análise

pretendeu-se investigar como o medo de perder o controlo (*X - independente*) afeta a sugestionabilidade (*Y - dependente*) através da influência intermediária da dimensão “Outros Poderosos” (*M - mediadora*) do locus de controlo externo (Tabela D.4, Anexo D).

Primeiramente, avaliou-se o efeito do medo de perder o controlo sobre a dimensão “Outros Poderosos”. Os resultados indicaram que o medo de perder o controlo teve um efeito positivo e significativo sobre a dimensão “Outros Poderosos” ( $\beta = .11$ ,  $DP = .05$ ,  $t = 2.02$ ,  $p = .05$ ), sugerindo que à medida que os valores do medo de perder o controlo aumentam, os valores da dimensão “Outros Poderosos”, do locus de controlo externo, também aumentam. O modelo foi significativo ( $F_{[1,115]} = 4.09$ ,  $p = .05$ ) e explicou cerca de 3.44% da variância da dimensão “Outros Poderosos” ( $R^2 = .03$ ). Seguiu-se o estudo do efeito do medo de perder o controlo e da dimensão “Outros Poderosos” sobre a sugestionabilidade global. Nesta encontrou-se que nenhum dos preditores apresentou efeitos significativos sobre a sugestionabilidade. O medo de perder o controlo não teve um efeito direto significativo sobre a sugestionabilidade ( $\beta = .05$ ,  $DP = .007$ ,  $t = .70$ ,  $p = .48$ ), e a dimensão “Outros poderosos” de igual modo não apresentou um efeito significativo sobre a sugestionabilidade ( $\beta = .21$ ,  $DP = .11$ ,  $t = 1.89$ ,  $p = .06$ ), embora estivesse próximo da significância. O modelo geral foi não significativo ( $F_{[2, 114]} = 2.36$ ,  $p = .09$ ), explicando cerca de 3,97% da variância da sugestionabilidade ( $R^2 = .0397$ ). Quanto ao efeito indireto do medo de perder o controlo sobre a sugestionabilidade através da dimensão “Outros Poderosos” também não foi significativa ( $\beta = .02$ ,  $BootSE = .02$ ,  $BootLLCI = -.0048$ ,  $BootULCI = 0.08$ ).

Quanto à consideração sobre o possível efeito de mediação da dimensão “Sorte” do locus de controlo externo na relação entre a variável independente medo de perder o controlo e a variável dependente sugestionabilidade (Tabela D.5, Anexo D), inicialmente analisou-se o efeito do medo de perder o controlo sobre a dimensão “Sorte” o qual foi positivo e significativo ( $\beta = .17$ ,  $DP = .05$ ,  $t = 3.23$ ,  $p = .0016$ ), sugerindo que à medida que os valores do medo de perder o controlo aumentam, os valores da dimensão “Sorte” também se aumentam. O modelo foi significativo ( $F_{[1, 115]} = 10.43$ ,  $p = .0016$ ) e explicou 8,31% da variância da dimensão “Sorte” ( $R^2 = .08$ ). Em seguida analisou-se o efeito do medo de perder o controlo e da dimensão “Sorte” sobre a sugestionabilidade. A dimensão “Sorte” apresentou um efeito positivo e significativo sobre a sugestionabilidade ( $\beta = .29$ ,  $DP = .12$ ,  $t = 2.48$ ,  $p = .01$ ), enquanto o efeito direto do medo de perder o controlo sobre a sugestionabilidade não foi significativo ( $\beta = .02$ ,  $DP = .07$ ,  $t = .032$ ,  $p = .75$ ). O modelo geral foi significativo ( $F_{[2,114]} = 3.66$ ,  $p = .03$ ), explicando 6.03% da variância da sugestionabilidade ( $R^2 = .0603$ ). O efeito indireto do medo de perder o controlo

sobre a sugestionabilidade via dimensão “Sorte” foi significativo ( $\beta = .05$ ,  $BootSE = .03$ ,  $BootLLCI = .005$ ,  $BootULCI = .1284$ ).

## 8. Discussão

O presente estudo partiu da assunção que o medo de perder o controlo desempenha um papel fulcral na não adesão a técnicas ou processos terapêuticos que envolvem a predisposição de aceitar estímulos externos/ sugestões (a faculdade de ser sugestionável), tais como o relaxamento, *mindfulness*, e hipnose; e conseqüentemente, que o medo de perder o controlo pode influenciar o sucesso terapêutico. Adicionalmente, assumiu-se que outras variáveis como o autocontrolo percebido, a responsabilidade excessiva e o locus de controlo poderiam ser construtos cruciais da relação (moderando-a ou mediando-a). Deste modo objetivamos analisar a associação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade e verificar o efeito das demais variáveis nesta relação.

Dentre os resultados significativos, pode-se destacar o efeito da idade nas variáveis medo de perder o controlo e sugestionabilidade, especialmente na relação com a sugestionabilidade. São alusivos de que o envelhecimento contraria a permeabilidade às sugestões, isto é, que quanto mais velho o indivíduo é, mais resistente é a influências externas, refletindo uma maior capacidade de avaliar criticamente as sugestões. A literatura apoia esta interpretação demonstrando que à medida que as pessoas ganham experiência de vida, solidificam os seus esquemas cognitivos e tendem a confiar mais nos seus próprios julgamentos, diminuindo a sugestionabilidade (Bornstein, 1989). Analisadas independentemente as dimensões que contribuem para a sugestionabilidade global, à exceção da “absorção ou concentração”, que não é significativa, verificou-se igualmente que a idade se relaciona negativamente com as demais dimensões. No que concerne à capacidade de fantasiar ou “sonhar acordado”, ocorre uma diminuição com o passar dos anos. Possivelmente, a relação poderá ser explicada pelo maior foco em questões pragmáticas e realistas ou ainda relacionado com a redução da criatividade e da abertura para experiências subjetivas com o envelhecimento (J. Kaufman & Sternberg, 2019). Outro aspeto que diminui com a idade é a permeabilidade à influência de outros. A literatura corrobora esta descoberta com a premissa que o acúmulo de vivências e conseqüentemente de sabedoria dá mais segurança para confiar no próprio julgamento em detrimento de outros, diminuindo a sugestionabilidade. A implicação emocional também se vê prejudicada, o que é coerente com a ideia que com o avançar da idade se desenvolve maior controlo emocional e regulação afetiva (Scheibe & Carstensen, 2010).

Outro resultado significativo foi oriundo do estudo das relações de moderação, onde descobriu-se que apesar de o autocontrolo percebido não atuar como moderador, é um preditor significativo e negativo da sugestionabilidade. À medida que o autocontrolo percecionado aumenta, diminui a disposição de ser influenciado por estímulos externos. De acordo com a literatura, já é conhecida esta relação. Vários estudos têm vindo a confirmar que o autocontrolo percebido está negativamente associado à impulsividade e comportamentos influenciados por estímulos externos (Massar et al., 2020). Altos níveis de autocontrolo, medidos pela BSCS, estão associados a menores níveis de impulsividade, o que sugere uma menor predisposição para ser influenciado por estímulos externos ou sugestões (Lindner et al., 2015; Maloney et al., 2012).

Ademais, a relação encontrada entre a escala “*Sorte*” – que expressa a tendência a atribuir o desfecho dos acontecimentos à sorte – do Inventário Multidimensional de Locus de Controlo de Levenson e o Inventário de Sugestionabilidade, onde níveis mais altos de locus de controlo externo do tipo “*Sorte*”, parecem culminar num maior grau de sugestionabilidade, também foi significativa. Esta relação encontra suporte na literatura científica, como demonstrado por Clarke (2004), que identificou que a dimensão “*Sorte*” do locus de controlo externo está fortemente associada a uma maior vulnerabilidade a influências externas, incluindo uma maior dependência de fatores como a sorte e uma menor sensação de controlo sobre a vida, o que pode amplificar a sugestionabilidade. Adicionalmente, é também associado a níveis elevados de depressão, sugerindo que a perceção de falta de controlo pode aumentar a recetividade a sugestões externas. Estudos sobre a associação, principalmente direta, entre o locus de controlo e a sugestionabilidade na literatura são escassos. No entanto, conseguimos encontrar algumas contradições na literatura. Por exemplo, Ordi & Tobal (1999) descobriram que a escala total do Inventário de Sugestionabilidade correlacionava-se negativamente com a escala de locus de controlo de Rotter (1966), o que significa que quantos mais sugestionabilidade um indivíduo apresenta menor é a sua pontuação na escala de locus de controlo que sugere um locus interno; este resultado pode ser devido ao facto de que indivíduos com locus de controlo interno estariam mais atentos às suas emoções e sensações corporais e desta forma seriam mais propensos a serem sugestionados. Por outro lado, muitos outros associam, à semelhança do que encontramos, o locus de controlo externo à sugestionabilidade. Burger (1981), encontrou que em contexto de hipnose pessoas com locus externo eram mais permeáveis a sugestões se sentissem que o hipnoterapeuta detinha o controlo. Adicionalmente, (Austrin & Pereira, 1978; Spector, 1983) relatam que situações em que a pressão social ou o

desejo por adequação ao contexto urge, as pessoas com locus de controlo externo tendem a ceder à influência externa.

Na sequência das análises de moderação, complementarmente estudou-se se as mesmas variáveis poderiam mediar a relação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade. Dentre os resultados significativos, foi encontrado um efeito negativo parcial na mediação que inclui a responsabilidade excessiva como variável mediadora; especificamente entre o medo de perder o controlo e a responsabilidade excessiva. A literatura encontrada apoia a ideia de que o medo de perder o controlo modula a responsabilidade, com menção específica à perturbação obsessiva compulsiva, onde os indivíduos sentem que precisam de controlar os seus pensamentos e eventos para evitar consequências negativas; deste modo, o medo de perder o controlo pode exacerbar esta sensação de responsabilidade (Sassaroli et al., 2015). Outro estudo relevante conduzido por Moulding et al. (2007) sugere que o desejo de controlo pode interagir com a perceção de ameaça e responsabilidade, aumentando o desconforto e as compulsões. Quando o medo de perder o controlo diminui, os participantes também apresentaram uma redução nas suas crenças de responsabilidade excessiva e no desejo de controlar as situações de forma rígida.

Por último, encontramos um efeito de mediação significativo do locus de controlo através dimensão “Sorte”. Segundo esta, pessoas com um locus de controlo externo no qual as relações de causalidade são perspectivadas fruto da sorte ou azar, interferem na relação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade de um indivíduo. Estudos como o de Brosschot et al. (1994) mostram que o locus de controlo externo, especialmente a dimensão “Sorte”, está fortemente vinculada a sentimentos de vulnerabilidade e menor senso de controlo sobre a vida. Assim, pode ser aumentada suscetibilidade a influências externas, pois indivíduos que acreditam que as suas vidas são controladas por fatores aleatórios podem ser mais recetivos a sugestões e menos propensos a confiarem nas próprias decisões.

Já no que toca as variáveis significativas, no estudo que procurou entender a forma como a dimensão “Outros Poderosos” – que envolve a crença de que pessoas influentes têm mais controlo sobre as nossas vidas que nós próprios, medeia a associação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade, encontramos uma relação positiva entre o medo de perder o controlo e este tipo de locus de controlo. Em relação a resultados marginalmente significativos, encontrou-se uma relação entre esta dimensão e a sugestionabilidade global. No entanto, o modelo como um todo não apresentou significância estatística. Moulding et al. (2007) verificou que indivíduos com perturbações de ansiedade, como a PAS, tendem a acreditar que os eventos são controlados por pessoas com mais poder, o que se encontra associado a uma menor sensação

de controlo interno. Além disso, Rothbaum et al. (1982) sugerem que as atribuições de controlo externo podem constituir-se uma forma de controlo vicariante e de mecanismo de defesa diante do medo de perder o controlo sobre a própria vida, na qual o indivíduo que delega a pessoas influentes a responsabilidade de tomar decisões importantes na sua vida permite-se ser sugestionado por outros.

Já no que toca os resultados não significativos, obtivemos resultados interessantes. Ao procedemos à verificação da existência de correlações com a medida do medo de perder o controlo e a de sugestionabilidade não foram encontradas evidências de uma associação entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade, contrariamente ao esperado. A literatura prévia expõe que existe uma associação positiva entre estes construtos, uma vez que pessoas com alto medo de perder o controlo podem ser mais sugestionáveis, pois a necessidade de manter o controlo pode torná-las mais recetivas a influências externas como forma de minimizar a incerteza (Gudjonsson & Lister, 1984; Turner & Radomsky, 2020). Por exemplo, em casos de POC as crenças sobre perder o controlo podem amplificar a ansiedade e influenciar o comportamento (e.g: verificação repetitiva), especialmente quando há sugestões de perigo ou incerteza vindas de fontes externas (Gagné & Radomsky, 2017).

Apesar de (Gagné & Radomsky (2020), reportarem que quanto mais crenças negativas sobre a perda de controlo o controlo um indivíduo tiver, maior a vulnerabilidade a influências externas, ou seja, mais sugestionável ele é, os resultados citados acima podem ser explicados pelas características da amostra, nomeadamente o ser uma população não clínica, contrariamente à maioria dos estudos. Além disso, o facto de a amostra incluir respondentes de diferentes nacionalidades e conseqüentemente com diferenças culturais e contextuais, pode influenciar o modo como os sentimentos sobre a perda de controlo influem na recetividade às sugestões cotidianas. Estudos como o de Giolo et al. (2022) mostram que o medo de perder o controlo pode aumentar a sugestionabilidade, ou seja, a disposição para aceitar influências externas, especialmente em contextos de vulnerabilidade emocional, como uma pandemia. Quando as pessoas percebem que estão a perder o controlo sobre uma situação, como a saúde ou segurança, elas podem tornar-se mais suscetíveis a estímulos externos. Além disso, as diferenças culturais podem influenciar a forma como pessoas respondem ao medo e à perda de controlo, com culturas mais tolerantes à incerteza mostrando menor sugestionabilidade em comparação com culturas que veem a incerteza como uma ameaça constante (Yamaguchi et al., 2005)

Inicialmente, partiu-se da hipótese de que o medo de perder o controlo estaria positivamente associado à sugestionabilidade (H1), com base em literatura prévia que sugeria que indivíduos com alto medo de perder o controlo poderiam ser mais suscetíveis a influências

externas como forma de minimizar a incerteza. No entanto, os resultados obtidos contrariam esta expectativa, uma vez que não foi encontrada uma correlação significativa entre o medo de perder o controlo e a sugestionabilidade. Este achado desafia teorias existentes que postulam uma relação direta entre estas duas variáveis. A ausência de correlação significativa sugere que o medo de perder o controlo pode não influenciar a sugestionabilidade de forma universal, podendo esta relação ser mediada ou moderada por outros fatores. Isto implica a necessidade de visitar modelos teóricos e considerar a inclusão de variáveis adicionais, como características culturais, contextuais ou demográficas (Turner & Radomsky, 2020; Whitson et al., 2010; Yamaguchi et al., 2005).

O resultado obtido de que a idade está negativamente correlacionada com a sugestionabilidade reforça teorias que associam o envelhecimento a uma maior resistência a influências externas. Este resultado apoia a ideia de que, com a idade, os indivíduos desenvolvem esquemas cognitivos mais sólidos e confiam mais nos seus próprios julgamentos, alinhando-se com a teoria de desenvolvimento cognitivo de Piaget e as propostas de estabilidade de personalidade na idade adulta (Arbuckle et al., 1990; Pakpahan & Saragih, 2022).

Adicionalmente, a relação negativa encontrada entre o autocontrolo percebido e a sugestionabilidade confirma teorias que vinculam altos níveis de autocontrolo a uma menor suscetibilidade a influências externas. Isto corrobora modelos teóricos como o de Baumeister sobre autocontrolo como um recurso limitado que, quando fortalecido, aumenta a resistência a estímulos externos (Muraven & Baumeister, 2000).

A associação positiva entre o locus de controlo externo, especificamente a dimensão "Sorte", e a sugestionabilidade apoia teorias de atribuição causal que relacionam um locus de controlo externo a uma maior vulnerabilidade a influências externas. Este achado alinha-se com os modelos de Rotter sobre locus de controlo, sugerindo que indivíduos que atribuem eventos a fatores externos incontroláveis são mais propensos a serem influenciados por sugestões (Rotter, 1966).

### **8.1.Limitações e Estudos Futuros**

No entanto, apesar dos resultados já citados, o presente estudo apresentou algumas limitações. Primeiramente o facto de a amostra ter sido recolhida pelo método de bola de neve podendo assim ter havido super representatividade de alguns grupos. Possivelmente, a multiculturalidade da amostra, mesmo não compreendendo muitas nacionalidades, pode ter dado azo a diferenças culturais. Por sua vez a ausência de métodos adequados para distinguir

quais os efeitos se deviam às diferenças culturais pode comprometer a generalização dos resultados. Outra limitação digna de expor prende-se no método de recolha de dados. Dada a extensão do formulário e conseqüente ser necessário estar concentrado por um período que algumas pessoas podem não tolerar, existe a possibilidade de que as respostas destes indivíduos tenham sido dadas com o enfoque em terminar o questionário da forma mais rápida possível, aumentando a probabilidade de erros, e com pouca atenção e reflexão, que necessárias para que as respostas sejam o mais realistas possíveis.

Para além disso, o facto de todos os instrumentos utilizados serem de autorrelato pode apresentar algum impacto nos resultados. A desejabilidade social pode levar aos participantes a responderem da maneira que acreditem ser mais socialmente aceitável, ao invés da forma como realmente se sentem ou comportam. Em adição a isso, este tipo de instrumento recorre a memória e percepção do indivíduo, que pode falhar em precisão ao tentar lembrar de eventos passados ou rotineiros, para além de serem moldados pelas emoções e outros fatores pessoais. Concomitantemente a isto, as opções de respostas numa escala de autorrelato são limitadas e podem não capturar a complexidade dos comportamentos estudados, podendo levar aos participantes a escolherem opções que não refletem com precisão seus comportamentos e emoções. Ademais a interpretação das perguntas propostas pode ser diferente da pretendida pelos investigadores, e a falta de um contexto presencial impediu o esclarecimento de dúvidas, possibilitando que participantes se sentissem obrigados a responder questões ainda que não as compreendessem. Por fim, o facto do estudo não ter sido realizado em um ambiente controlado, permite que tanto o estado emocional quanto contextual em que o indivíduo se encontrava pudesse impactar a precisão e confiabilidade das respostas.

Por isso recomenda-se que no futuro se proceda a estudos presenciais comparativos entre a população não clínica e clínica, onde a diferença de comportamentos desadaptativos é mais marcada e, por conseguinte, poderá ajudar a discriminar melhor, por exemplo, entre situações de baixa *versus* alta responsabilização. Estudos sobre a influência cultural e social poderão também vir a ser úteis pois ajudarão a entender de que forma esta impacta a sugestibilidade. Também recomendamos estudos que envolvam a realização de tarefas comportamentais que englobem a utilização de sugestões e o medo de perder o controlo.

## 9. Conclusão

Este estudo investigou a associação entre o medo de perder o controle e a sugestionabilidade, como também a influência das variáveis autocontrole percebido, responsabilidade excessiva e locus de controle nesta relação. As principais descobertas foram:

No que tange as hipóteses de estudo, foi proposto que o medo de perder o controle influenciaria direta e positivamente a sugestionabilidade (H1), no entanto não houve suporte para confirmar esta relação. Já em relação a H2, que sugeria se que o autocontrole percebido influenciaria a relação entre o medo de perder o controle e a sugestionabilidade, esta foi confirmada, ao serem encontrados indicando que o autocontrole percebido exerce um papel mediador nesta dinâmica. Para além da confirmação desta hipótese, também se verificou a relação parcial entre o autocontrole percebido e a sugestionabilidade na análise da moderação. Quanto à H3, foi confirmada parcialmente devido à inexistência de moderação e mediação na relação, no entanto se encontrou uma relação parcial de mediação do medo de perder o controle sobre a responsabilidade excessiva. No que tange à H4 há a confirmação da hipótese, sustentada pelo efeito mediador do locus de controle do tipo “Sorte”. Ainda é digna de menção a relação parcial entre o medo de perder o controle e o locus de controle externo do tipo “Outros Poderosos”.

Para além da confirmação total e parcial de algumas hipóteses, este estudo conclui que, o medo de perder o controle não se associa de forma direta à sugestionabilidade, mas sim à responsabilidade excessiva, de forma que quanto maior o medo de perder o controle do indivíduo, menos responsabilidade excessiva ele experiencia. Além disso, o autocontrole percebido faz a mediação entre a relação do medo de perder o controle e a sugestionabilidade, de forma que o aumento do medo de perder o controle associa-se com uma diminuição do autocontrole percebido, e que o aumento do autocontrole percebido leva a diminuição da sugestionabilidade. Ou seja, indivíduos com altos níveis de medo de perder o controle possivelmente sentem-se menos capazes de se auto controlarem e consequentemente são mais sugestionáveis.

Também houveram outras conclusões significativas, nomeadamente os de que a sugestionabilidade diminui com a idade, fornecendo uma perspectiva valiosa sobre como adaptar as intervenções terapêuticas a diferentes faixas etárias. O papel do locus de controle, em especial da dimensão “Sorte” destaca a importância de abordar as atribuições de causalidade nas intervenções terapêuticas. Já os *insights* em torno do autocontrole percebido destacam a

importância de fortalecer esta característica nos pacientes para reduzir a suscetibilidade a influências externas indesejadas.

A respeito das qualidades do estudo destacam-se a inclusão de análises de moderação e mediação pois permitiu a exploração de interações complexas entre variáveis; e o facto de se ter ido além da tentativa de examinar as variáveis de forma global, recorrendo a análises que envolveram as subescalas e permitiram uma visão mais aprofundada sobre como diferentes dimensões dos construtos interagem com outras variáveis.

Este estudo foi importante para o enriquecimento do corpo teórico e prático da psicologia ao destacar a complexidade das relações entre medo de perder o controlo, sugestionabilidade, autocontrolo percebido e locus de controlo. Para a prática clínica, fornece insights valiosos para a personalização de intervenções terapêuticas, considerando aspetos como a idade, certos traços de personalidade e comportamentos como essenciais para a promoção de abordagens terapêuticas mais eficazes e adaptadas às necessidades e características individuais dos pacientes, melhorando a sua eficácia. Assim, este estudo demonstrou-se relevante não só no contexto teórico, mas também no âmbito prático desta área, fornecendo insights significativos para a Psicologia Clínica e da Saúde.



## 10. Referências bibliográficas

- Alonso, J., & Lépine, J.-P. (2007). Overview of key data from the european study of the epidemiology of Mental Disorders. *Journal of Clinical Psychiatry*, *68*(2), 1–7. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17288501>
- American Psychiatric Association. (2013). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (Techbooks, Ed.; 5th ed., Vol. 1). Artmed.
- Antunes, N. (2018). *Sentidos* (Lua de papel). ASA.
- Arbuckle, T., Vanderleck, V., Harsany, M., & Lapidus, S. (1990). Adult age differences in memory in relation to availability and accessibility of knowledge-based schemas. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, *16*(2), 305–315. <https://doi.org/10.1037/0278-7393.16.2.305>
- Austrin, H. R., & Pereira, M. J. (1978). Locus of control as a predictor of hypnotic susceptibility. *American Journal of Clinical Hypnosis*, *20*(3), 199–202. <https://doi.org/10.1080/00029157.1978.10403930>
- Blanton, R. (1956). Responsibility: a psychologist's point of view. *Kentucky Law Journal*, *45*(2), 1–9. <https://uknowledge.uky.edu/klj>
- Borkovec, T. D., Robinson, woon, Pruzinsky, T., & Depree, J. A. (1983). *PRELIMINARY EXPLORATION OF WORRY: SOME CHARACTERISTICS AND PROCESSES* (Vol. 21).
- Bornstein, R. F. (1989). Exposure and affect: Overview and meta-analysis of research, 1968–1987. *Psychological Bulletin*, *106*(2), 265–289. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.106.2.265>
- Brosschot, J. F., Gebhardt, W. A., & Godaert, G. L. R. (1994). Internal, powerful others and chance locus of control: Relationships with personality, coping, stress and health. *Personality and Individual Differences*, *16*(6), 839–852. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(94\)90228-3](https://doi.org/10.1016/0191-8869(94)90228-3)
- Burger, J. M. (1981). Locus of control, motivation, and expectancy: Predicting hypnotic susceptibility from personality variables. *Journal of Research in Personality*, *15*(4), 523–537. [https://doi.org/10.1016/0092-6566\(81\)90048-9](https://doi.org/10.1016/0092-6566(81)90048-9)
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1982). Control theory: A useful conceptual framework for personality–social, clinical, and health psychology. *Psychological Bulletin*, *92*(1), 111–135. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.92.1.111>

- Cativo, C., & Barata, V. (2021). Social anxiety disorder: Cognitive behavioral therapy as a therapeutic approach. *Revista Psicologia, Saúde & Doenças*, 22(3), 857–866. <https://doi.org/10.15309/21psd220307>
- Clark, D. A., & Purdon, C. (1993). New perspectives for a cognitive theory of obsessions. *Australian Psychologist*, 28(3), 161–167. <https://doi.org/10.1080/00050069308258896>
- Clarke, D. (2004). Neuroticism: moderator or mediator in the relation between locus of control and depression. *Personality and Individual Differences*, 37(2), 245–258. <https://doi.org/10.1016/J.PAID.2003.08.015>
- Cloitre, M., Heimberg, R. G., Liebowitz, M. R., & Gitow, A. (1992). Perceptions of control in panic disorder and social phobia. *Cognitive Therapy and Research*, 16(5), 569–577. <https://doi.org/10.1007/BF01175142>
- Coles, M. E., & Schofield, C. A. (2008). Assessing the development of inflated responsibility beliefs: The pathways to inflated responsibility beliefs scale. *Behavior Therapy*, 39(4), 322–335. <https://doi.org/10.1016/J.BETH.2007.09.003>
- Fehm, L., Pelissolo, A., Furmark, T., & Wittchen, H.-U. (2005). Size and burden of social phobia in europe. *European Neuropsychopharmacology*, 15(4), 453–462. <https://doi.org/10.1016/j.euroneuro.2005.04.002>
- Freeston, M. H., & Ladouceur, R. (1997). What do patients do with their obsessive thoughts? *Behaviour Research and Therapy*, 35(4), 335–348. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(96\)00094-0](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(96)00094-0)
- Friese, M., & Hofmann, W. (2009). Control me or I will control you: Impulses, trait self control, and the guidance of behavior. *Journal of Research in Personality*, 43(5), 795–805. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2009.07.004>
- Gagné, J. P., & Radomsky, A. S. (2017). Manipulating beliefs about losing control causes checking behaviour. *Journal of Obsessive-Compulsive and Related Disorders*, 15, 34–42. <https://doi.org/10.1016/j.jocrd.2017.08.013>
- Gagné, J. P., & Radomsky, A. S. (2020). Beliefs about losing control, obsessions, and caution: An experimental investigation. *Behaviour Research and Therapy*, 126, 103574. <https://doi.org/10.1016/J.BRAT.2020.103574>
- Giolo, S. R., Giordani, R. C. F., Zanoni da Silva, M., Dias, P. C. A., Estavela, A., & Ismael Mabuie, J. (2022). Cross-cultural measurement invariance of the fear of COVID-19 scale in three portuguese-speaking countries. *Journal of Health Psychology*, 27(13), 2997–3012. <https://doi.org/10.1177/13591053221076578>

- Gudjonsson, G. H., & Lister, S. (1984). Interrogative suggestibility and its relationship with self-esteem and control. *Journal of the Forensic Science Society*, 24(2), 99–110. [https://doi.org/10.1016/S0015-7368\(84\)72302-4](https://doi.org/10.1016/S0015-7368(84)72302-4)
- Hayes, A. (2022). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis* (Little; Todd, Ed.; 3rd ed., Vol. 1). Guilford Publications.
- Heide, F. J., & Borkovec, T. D. (1983). Relaxation-induced anxiety: Paradoxical anxiety enhancement due to relaxation training. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 51(2), 171–182. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.51.2.171>
- Jalal, B., Chamberlain, S. R., & Sahakian, B. J. (2023). Obsessive-compulsive disorder: Etiology, neuropathology, and cognitive dysfunction. *Brain and Behavior*, 13(6), 1–18. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/brb3.3000>
- Kaufman, J., & Sternberg, R. (2019). The Cambridge Handbook of Creativity. In J. C. Kaufman & R. J. Sternberg (Eds.), *The Cambridge handbook of creativity*. (2nd ed.). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316979839>
- Krasinski, K., & Tonelli, H. (2018). Neuropsicologia da sugestionabilidade e tomadas de decisão social. *PsicoFAE*, 7(1), 43–62. <https://psico.fae.emnuvens.com.br/psico/article/view/166/109>
- Ladouceur, R., Rhéaume, J., & Aublet, F. (1997a). Excessive responsibility in obsessional concerns: A fine-grained experimental analysis. *Behaviour Research and Therapy*, 35(5), 423–427. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(96\)00117-9](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(96)00117-9)
- Ladouceur, R., Rhéaume, J., & Aublet, F. (1997b). Excessive responsibility in obsessional concerns: A fine-grained experimental analysis. *Behaviour Research and Therapy*, 35(5), 423–427. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(96\)00117-9](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(96)00117-9)
- Lamont, P. (2020). Hypnotism and Suggestion: A Historical Perspective. In *Oxford Research Encyclopedia of Psychology*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.635>
- Lani, J., & Stiles, W. (1999). Discovering markers of assimilation stages: The fear-of-losing-control marker. *Journal of Clinical Psychology*, 55(12), 1441–1452. [https://doi.org/https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4679\(199912\)55:12<1441::AID-JCLP3>3.0.CO;2-K](https://doi.org/https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4679(199912)55:12<1441::AID-JCLP3>3.0.CO;2-K)
- Lefcourt, H. M. (1991). Locus of Control. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of Personality and Social Psychological Attitudes* (pp. 413–499). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-590241-0.50013-7>

- Levenson, H. (1981). Differentiating among internality, powerful others, and chance. In L. Hanna (Ed.), *Research with the Locus of Control Construct* (Vol. 1, pp. 15–63). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-443201-7.50006-3>
- Lindner, C., Nagy, G., & Retelsdorf, J. (2015). The dimensionality of the Brief Self-Control Scale—An evaluation of unidimensional and multidimensional applications. *Personality and Individual Differences*, *86*, 465–473. <https://doi.org/10.1016/J.PAID.2015.07.006>
- Makari, G. J. (1997). Towards defining the Freudian unconscious: seduction, sexology and the negative of perversion (1896-1905. *History of Psychiatry*, *8*(32), 459–485. <https://doi.org/10.1177/0957154X9700803202>
- Maloney, P. W., Grawitch, M. J., & Barber, L. K. (2012). The multi-factor structure of the Brief Self-Control Scale: Discriminant validity of restraint and impulsivity. *Journal of Research in Personality*, *46*(1), 111–115. <https://doi.org/10.1016/J.JRP.2011.10.001>
- Massar, K., Bělostíková, P., & Sui, X. (2020). It's the thought that counts: Trait self-control is positively associated with well-being and coping via thought control ability. *Current Psychology*, *41*(4), 2372–2381. <https://doi.org/10.1007/S12144-020-00746-9/TABLES/2>
- Moulding, R., Kyrios, M., & Doron, G. (2007). Obsessive-compulsive behaviours in specific situations: The relative influence of appraisals of control, responsibility and threat. *Behaviour Research and Therapy*, *45*(7), 1693–1702. <https://doi.org/10.1016/J.BRAT.2006.08.020>
- Muraven, M., & Baumeister, R. F. (2000). Self-regulation and depletion of limited resources: Does self-control resemble a muscle? *Psychological Bulletin*, *126*(2), 247–259. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.2.247>
- Ordi, H., & Tobal, J. (1999). *Características de la sugestionabilidad y su relación con otras variables psicológicas*. *15*, 57–75.
- Pakpahan, F. H., & Saragih, M. (2022). Theory of cognitive development by jean Piaget. *Journal of Applied Linguistics*, *2*(2), 55–60. <https://doi.org/10.52622/joal.v2i2.79>
- Pereira, M., & Austrin, H. R. (1980). Locus of control and status of the experimenter as predictors of suggestibility. *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, *28*(4), 367–374. <https://doi.org/10.1080/00207148008409865>
- Rachlin, H. (1974). Self-Control. *Behaviorism*, *2*(1), 94–107. <http://www.jstor.org/stable/27758811>
- Radomsky, A. S. (2022). The fear of losing control. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, *77*. <https://doi.org/10.1016/j.jbtep.2022.101768>

- Radomsky, A. S., & Gagné, J. P. (2020). The development and validation of the Beliefs About Losing Control Inventory (BALCI). *Cognitive Behaviour Therapy, 49*(2), 97–112. <https://doi.org/10.1080/16506073.2019.1614978>
- Raeder, F., Karbach, L., Struwe, H., Margraf, J., & Zlomuzica, A. (2019). Low Perceived Self-Efficacy Impedes Discriminative Fear Learning. *Frontiers in Psychology, 10*(JUN). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01191>
- Rankin, H. (2024, March 11). *Where Does Responsibility Come From?* Psychology Today.
- Rhéaume, J., Ladouceur, R., Freeston, M. H., & Letarte, H. (1995). Inflated responsibility in obsessive compulsive disorder: Validation of an operational definition. *Behaviour Research and Therapy, 33*(2), 159–169. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)E0021-A](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)E0021-A)
- Rothbaum, F., Weisz, J. R., & Snyder, S. S. (1982). Changing the world and changing the self: A two-process model of perceived control. *Journal of Personality and Social Psychology, 42*(1), 5–37. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.42.1.5>
- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs: General and Applied, 80*(1), 1–28. <https://doi.org/10.1037/h0092976>
- Salkovskis, P. M., Wroe, A. L., Gledhill, A., Morrison, N., Forrester, E., Richards, C., Reynolds, M., & Thorpe, S. (2000). Responsibility attitudes and interpretations are characteristic of obsessive compulsive disorder. *Behaviour Research and Therapy, 38*(4), 347–372. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(99\)00071-6](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(99)00071-6)
- Salkovskis, P., Shafran, R., Rachman, S., & Freeston, M. H. (1999). Multiple pathways to inflated responsibility beliefs in obsessional problems: possible origins and implications for therapy and research. *Behaviour Research and Therapy, 37*(11), 1055–1072. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(99\)00063-7](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(99)00063-7)
- Sassaroli, S., Centorame, F., Caselli, G., Favaretto, E., Fiore, F., Gallucci, M., Sarracino, D., Ruggiero, G. M., Spada, M. M., & Rapee, R. M. (2015). Anxiety control and metacognitive beliefs mediate the relationship between inflated responsibility and obsessive compulsive symptoms. *Psychiatry Research, 228*(3), 560–564. <https://doi.org/10.1016/J.PSYCHRES.2015.05.053>
- Sassaroli, S., Gallucci, M., & Ruggiero, G. M. (2008). Low perception of control as a cognitive factor of eating disorders. Its independent effects on measures of eating disorders and its interactive effects with perfectionism and self-esteem. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry, 39*(4), 467–488. <https://doi.org/10.1016/J.JBTEP.2007.11.005>

- Scheibe, S., & Carstensen, L. L. (2010). Emotional aging: Recent findings and future trends. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, *65*(2), 135–144. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbp132>
- Spector, P. E. (1983). Locus of control and social influence susceptibility: Are externals normative or informational Conformers. *The Journal of Psychology*, *115*(2), 199–201. <https://doi.org/10.1080/00223980.1983.9915436>
- Stangl, B. L., Schuster, R. M., Schneider, A., Dechert, A., Potter, K. W., Hareli, M., Mahmud, F., Yalin, E. R., Ramchandani, V. A., & Gilman, J. M. (2019). Suggestibility is associated with alcohol self-administration, subjective alcohol effects, and self-reported drinking behavior. *Journal of Psychopharmacology*, *33*(7), 769–778. <https://doi.org/10.1177/0269881119827813>
- Stiles, W., Meshot, C., Anderson, T., & Sloan, W. (1992). Assimilation of problematic experiences: The case of John Jones. *Psychotherapy Research*, *2*(2), 81–101. <https://doi.org/10.1080/10503309212331332874>
- Sugiura, Y., & Fisak, B. (2019). Inflated responsibility in worry and obsessive thinking. *International Journal of Cognitive Therapy*, *12*(2), 97–108. <https://doi.org/10.1007/s41811-019-00041-x>
- Tangney, J. P., Baumeister, R. F., & Boone, A. L. (2004). High self-control predicts good adjustment, less pathology, better grades, and interpersonal success. *Journal of Personality*, *72*(2), 271–324. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.0022-3506.2004.00263.x>
- Töremen, F. (2011). The responsibility education of teacher candidates. *Kuram ve Uygulamada Eğitim Bilimleri*, *11*(1), 273–277.
- Turner, K., & Radomsky, A. (2020). The fear of losing control in social anxiety: An experimental approach. *Cognitive Therapy and Research*, *44*(4), 834–845. <https://doi.org/10.1007/s10608-020-10104-5>
- Van Hook, C. W., & Steele, C. (2002). Individual personality characteristics related to suggestibility. *Psychological Reports*, *91*(3), 1007–1010. <https://doi.org/10.2466/pr0.2002.91.3.1007>
- Westenberg, H. G. M. (2009). Recent advances in understanding and treating social anxiety disorder. *CNS Spectrums*, *14*(2), 24–33. <https://doi.org/10.1017/S1092852900027267>
- Whitson, J., Wang, C. S., & Menon, T. (2010). Cross-cultural differences in sense-making after losing control. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/SSRN.1615214>

- Wolfradt, U., & Meyer, T. (1998). Interrogative suggestibility, anxiety and dissociation among anxious patients and normal controls. *Personality and Individual Differences*, 25(3), 425–432. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(98\)00023-3](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(98)00023-3)
- Yamaguchi, S., Gelfand, M., Ohashi, M. M., & Zemba, Y. (2005). The cultural psychology of control: ilusions of personal versus collective control in the united states and japan. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36(6), 750–761. <https://doi.org/10.1177/0022022105280513>

## **11. Anexos**

## **Anexo A – Análise Descritiva Univariada**

**Tabela A.1***Análise Descritiva Univariada (N = 117)*

	MÍN	MÁX	M	DP
Sexo	1,0	2,00	1,61	,49
Idade	17	72	35,78	14,48
Balci_TBE	,00	55,00	18,29	11,57
Balci_ISC	,00	12,00	7,55	3,14
Balci_BBF	,00	13,00	3,92	3,35
Balci_To	,00	76,00	29,76	15,57
IS_FantasiOSO	,00	16,00	8,03	3,79
IS_AbsorçãoOuConcentração	1,00	16,00	9,87	2,70
IS_ImplicaçãoEmocional	1,00	17,00	8,03	3,55
IS_Influenciabilidade	,00	16,00	8,15	3,49
IS_Total	14,00	70,00	41,23	11,11

*Nota:* Balci\_TBE (Pensamentos/Comportamento/Emoções); Balci\_ISC (Importância de Permanecer no Controle); Balci\_BBF (Corpo/Funções Corporais); Balci\_To (pontuação da escala total); IS\_FantasiOSO (FantasiOSO); IS\_AbsorçãoOuConcentração (Absorção ou Concentração); IS\_ImplicaçãoEmocional (Implicação Emocional); IS\_Influenciabilidade (Influenciabilidade)

## **Anexo B – Análise das Correlações**

**Tabela B.1**

*Análise Das Correlações Entre A Idade E As Dimensões Do Beliefs About Losing Control Inventory (N = 117)*

		Balci_TBE	Balci_ISC	Balci_BFF	Balci_To
Idade	Correlação de Pearson	,031	,001	,142	,054
	Sig. (2 extremidades)	,739	,992	,126	,564

*Nota:* Balci\_TBE (Pensamentos/Comportamento/Emoções); Balci\_ISC (Importância de Permanecer no Controle); Balci\_BFF (Corpo/Funções Corporais); Balci\_To (pontuação da escala total)

**Tabela B.2**

*Análise Das Correlações Entre As Dimensões Do Beliefs About Losing Control Inventory E As Dimensões Do Inventário De Sugestionabilidade (N=117)*

		Balci_TBE	Balci_ISC	Balci_BFF	Balci_To
IS_Fantasiioso	Correlação de Pearson	,16	-,10	,07	,11
	Sig. (2 extremidades)	,09	,26	,47	,24
IS_AbsorçãoOuConcentração	Correlação de Pearson	-,12	-,004	-,02	-,09
	Sig. (2 extremidades)	,21	,98	,81	,32
IS_ImplicaçãoEmocional	Correlação de Pearson	,12	-,09	,13	,09
	Sig. (2 extremidades)	,21	,35	,17	,30
IS_Influenciabilidade	Correlação de Pearson	,12	-,05	-,03	,07
	Sig. (2 extremidades)	,19	,56	,72	,45
IS_Total	Correlação de Pearson	,13	-,06	,060	,098
	Sig. (2 extremidades)	,15	,49	,524	,292

*Nota:* Balci\_TBE (Pensamentos/Comportamento/Emoções); Balci\_ISC (Importância de Permanecer no Controle); Balci\_BFF (Corpo/Funções Corporais); Balci\_To (pontuação da escala total); IS\_Fantasiioso (Fantasiioso); IS\_AbsorçãoOuConcentração (Absorção ou Concentração); IS\_ImplicaçãoEmocional (Implicação Emocional); IS\_Influenciabilidade (Influenciabilidade)

## **Anexo C – Análises de Moderação**

**Tabela C.1**

*Variável Moderadora Autocontrole Percebido BSCS\_To*

Run MATRIX procedure:

\*\*\*\*\* PROCESS Procedure for SPSS Version 4.2 \*\*\*\*\*

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com  
Documentation available in Hayes (2022). www.guilford.com/p/hayes3

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Model : 1  
Y : IS\_Total  
X : Balci\_To  
W : BSCS\_To

Sample  
Size: 117

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:  
IS\_Total

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,3624	,1314	110,2379	5,6964	3,0000	113,0000	,0011

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	41,5346	,9909	41,9164	,0000	39,5714	43,4977
Balci_To	,0370	,0652	,5682	,5710	-,0921	,1661
BSCS_To	-,4119	,1116	-3,6924	,0003	-,6330	-,1909
Int_1	,0102	,0067	1,5255	,1299	-,0030	,0234

Product terms key:

Int\_1 : Balci\_To x BSCS\_To

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

R2-chng	F	df1	df2	p	
X*W	,0179	2,3271	1,0000	113,0000	,1299

-----

Focal predict: Balci\_To (X)  
Mod var: BSCS\_To (W)

Data for visualizing the conditional effect of the focal predictor:  
 Paste text below into a SPSS syntax window and execute to produce plot.

```
DATA LIST FREE/
  Balci_To BSCS_To IS_Total .
BEGIN DATA.
-15,7607 -9,3162 46,2841
-2,7607 -9,3162 45,5319
13,2393 -9,3162 44,6062
-15,7607 ,6838 40,5597
-2,7607 ,6838 41,1315
13,2393 ,6838 41,8352
-15,7607 8,8038 35,9115
-2,7607 8,8038 37,5583
13,2393 8,8038 39,5852
END DATA.
GRAPH/SCATTERPLOT=
Balci_To WITH IS_Total BY BSCS_To .
```

\*\*\*\*\* BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL  
 PARAMETERS \*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:  
 IS\_Total

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	41,5346	41,5122	,9583	39,5885	43,4039
Balci_To	,0370	,0352	,0619	-,0869	,1578
BSCS_To	-,4119	-,4166	,1109	-,6266	-,1985
Int_1	,0102	,0097	,0057	-,0032	,0195

\*\*\*\*\* ANALYSIS NOTES AND ERRORS  
 \*\*\*\*\*

Level of confidence for all confidence intervals in output:  
 95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:  
 5000

NOTE: The following variables were mean centered prior to analysis:  
 BSCS\_To Balci\_To

----- END MATRIX -----

**Tabela C.2**

*Variável Moderadora Responsabilidade Excessiva RAS\_To*

Run MATRIX procedure:

\*\*\*\*\* PROCESS Procedure for SPSS Version 4.2 \*\*\*\*\*

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com  
Documentation available in Hayes (2022). www.guilford.com/p/hayes3

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Model : 1

Y : IS\_Total  
X : Balci\_To  
W : RAS\_To

Sample

Size: 117

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,1351	,0183	124,5917	,7007	3,0000	113,0000	,5535

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	38,7098	6,7823	5,7074	,0000	25,2727	52,1468
Balci_To	,1778	,1737	1,0233	,3084	-,1664	,5220
RAS_To	,0180	,0681	,2639	,7924	-,1170	,1530
Int_1	-,0017	,0022	-,8132	,4178	-,0060	,0025

Product terms key:

Int\_1 : Balci\_To x RAS\_To

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

	R2-chng	F	df1	df2	p
X*W	,0057	,6613	1,0000	113,0000	,4178

-----

Focal predict: Balci\_To (X)

Mod var: RAS\_To (W)

Data for visualizing the conditional effect of the focal predictor:  
 Paste text below into a SPSS syntax window and execute to produce plot.

```
DATA LIST FREE/
  Balci_To RAS_To IS_Total .
BEGIN DATA.
  14,0000 62,8800 40,7892
  27,0000 62,8800 41,6705
  43,0000 62,8800 42,7553
  14,0000 92,0000 40,5996
  27,0000 92,0000 40,8189
  43,0000 92,0000 41,0887
  14,0000 116,3600 40,4410
  27,0000 116,3600 40,1064
  43,0000 116,3600 39,6945
END DATA.
GRAPH/SCATTERPLOT=
  Balci_To WITH IS_Total BY RAS_To .
```

```
***** BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL
PARAMETERS *****
```

OUTCOME VARIABLE:  
 IS\_Total

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	38,7098	38,6036	6,2004	25,9539	50,1869
Balci_To	,1778	,1769	,1819	-,1508	,5537
RAS_To	,0180	,0197	,0618	-,0929	,1514
Int_1	-,0017	-,0018	,0023	-,0065	,0025

```
***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS
*****
```

Level of confidence for all confidence intervals in output:  
 95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:  
 5000

----- END MATRIX -----

**Tabela C.3**

*Variável Moderadora Locus De Controlo Interno "IPC\_ILC"*

Run MATRIX procedure:

\*\*\*\*\* PROCESS Procedure for SPSS Version 4.2 \*\*\*\*\*

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. [www.afhayes.com](http://www.afhayes.com)

Documentation available in Hayes (2022). [www.guilford.com/p/hayes3](http://www.guilford.com/p/hayes3)

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Model : 1

Y : IS\_Total

X : Balci\_To

W : IPC\_ILC

Sample

Size: 117

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,1435	,0206	124,2978	,7914	3,0000	113,0000	,5011

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	41,2335	1,0307	40,0035	,0000	39,1914	43,2756
Balci_To	,0706	,0665	1,0617	,2907	-,0612	,2025
IPC_ILC	,1196	,1273	,9395	,3495	-,1326	,3719

Int\_1     -,0026     ,0078     -,3339     ,7391     -,0182     ,0129

Product terms key:

Int\_1    :    Balci\_To x    IPC\_ILC

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

	R2-chng	F	df1	df2	p
X*W	,0010	,1115	1,0000	113,0000	,7391

-----

Focal predict: Balci\_To (X)

Mod var: IPC\_ILC (W)

Data for visualizing the conditional effect of the focal predictor:

Paste text below into a SPSS syntax window and execute to produce plot.

DATA LIST FREE/

Balci\_To IPC\_ILC IS\_Total .

BEGIN DATA.

-15,7607 -8,0260 38,8285

-2,7607 -8,0260 40,0202

13,2393 -8,0260 41,4869

-15,7607 1,0940 40,2960

-2,7607 1,0940 41,1772

13,2393 1,0940 42,2618

-15,7607 8,0940 41,4224

-2,7607 8,0940 42,0653

13,2393 8,0940 42,8566

END DATA.

GRAPH/SCATTERPLOT=

Balci\_To WITH IS\_Total BY IPC\_ILC .

\*\*\*\*\* BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL  
PARAMETERS \*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	41,2335	41,1913	1,0321	39,1694	43,1762
Balci_To	,0706	,0691	,0647	-,0551	,1987
IPC_ILC	,1196	,1207	,1128	-,1122	,3428
Int_1	-,0026	-,0036	,0076	-,0203	,0092

\*\*\*\*\* ANALYSIS NOTES AND ERRORS

\*\*\*\*\*

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

5000

NOTE: The following variables were mean centered prior to analysis:

IPC\_ILC Balci\_To

----- END MATRIX -----

#### **Tabela C.4**

*Variável Moderadora Locus De Controlo Externo "Outros Poderosos" IPC\_PO*

Run MATRIX procedure:

\*\*\*\*\* PROCESS Procedure for SPSS Version 4.2 \*\*\*\*\*

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. [www.afhayes.com](http://www.afhayes.com)

Documentation available in Hayes (2022). [www.guilford.com/p/hayes3](http://www.guilford.com/p/hayes3)

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Model : 1

Y : IS\_Total  
X : Balci\_To  
W : IPC\_PO

Sample  
Size: 117

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:  
IS\_Total

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,2020	,0408	121,7320	1,6020	3,0000	113,0000	,1929

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	41,2893	1,0333	39,9595	,0000	39,2422	43,3364
Balci_To	,0444	,0673	,6595	,5109	-,0889	,1777
IPC_PO	,2176	,1137	1,9133	,0582	-,0077	,4429
Int_1	-,0022	,0062	-,3547	,7235	-,0145	,0101

Product terms key:

Int\_1 : Balci\_To x IPC\_PO

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

R2-chng	F	df1	df2	p	
X*W	,0011	,1258	1,0000	113,0000	,7235

-----

Focal predict: Balci\_To (X)  
Mod var: IPC\_PO (W)

Data for visualizing the conditional effect of the focal predictor:  
Paste text below into a SPSS syntax window and execute to produce plot.

DATA LIST FREE/

Balci\_To IPC\_PO IS\_Total .  
BEGIN DATA.  
-15,7607 -9,6752 38,1481  
-2,7607 -9,6752 39,0025  
13,2393 -9,6752 40,0542  
-15,7607 -1,6752 40,1672  
-2,7607 -1,6752 40,7921  
13,2393 -1,6752 41,5612  
-15,7607 11,3248 43,4482  
-2,7607 11,3248 43,7001

13,2393 11,3248 44,0100  
 END DATA.  
 GRAPH/SCATTERPLOT=  
 Balci\_To WITH IS\_Total BY IPC\_PO .

\*\*\*\*\* BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL  
 PARAMETERS \*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:  
 IS\_Total

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	41,2893	41,2994	1,0379	39,2607	43,3072
Balci_To	,0444	,0381	,0736	-,1110	,1811
IPC_PO	,2176	,2269	,1205	-,0070	,4633
Int_1	-,0022	-,0025	,0070	-,0165	,0111

\*\*\*\*\* ANALYSIS NOTES AND ERRORS  
 \*\*\*\*\*

Level of confidence for all confidence intervals in output:  
 95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:  
 5000

NOTE: The following variables were mean centered prior to analysis:  
 IPC\_PO Balci\_To

----- END MATRIX -----

**Tabela C.5**

*Variável Moderadora Locus De Controlo Externo "Chance" IPC\_C*

Run MATRIX procedure:

\*\*\*\*\* PROCESS Procedure for SPSS Version 4.2 \*\*\*\*\*

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. [www.afhayes.com](http://www.afhayes.com)  
 Documentation available in Hayes (2022). [www.guilford.com/p/hayes3](http://www.guilford.com/p/hayes3)

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

Model : 1

Y : IS\_Total  
X : Balci\_To  
W : IPC\_C

Sample  
Size: 117

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:  
IS\_Total

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,2497	,0624	118,9947	2,5053	3,0000	113,0000	,0627

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	41,1039	1,0397	39,5329	,0000	39,0439	43,1638
Balci_To	,0179	,0684	,2619	,7939	-,1175	,1533
IPC_C	,2950	,1183	2,4927	,0141	,0605	,5294
Int_1	,0032	,0063	,5017	,6169	-,0094	,0158

Product terms key:

Int\_1 : Balci\_To x IPC\_C

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

R2-chng	F	df1	df2	p	
X*W	,0021	,2517	1,0000	113,0000	,6169

-----

Focal predict: Balci\_To (X)  
Mod var: IPC\_C (W)

Data for visualizing the conditional effect of the focal predictor:  
Paste text below into a SPSS syntax window and execute to produce plot.

DATA LIST FREE/

```
Balci_To IPC_C IS_Total .  
BEGIN DATA.  
-15,7607 -9,3337 38,5372  
-2,7607 -9,3337 38,3835  
13,2393 -9,3337 38,1942  
-15,7607 -,2137 40,7694  
-2,7607 -,2137 40,9933  
13,2393 -,2137 41,2688  
-15,7607 9,7863 43,2170  
-2,7607 9,7863 43,8549
```

13,2393 9,7863 44,6401  
 END DATA.  
 GRAPH/SCATTERPLOT=  
 Balci\_To WITH IS\_Total BY IPC\_C .

\*\*\*\*\* BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL  
 PARAMETERS \*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:  
 IS\_Total

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	41,1039	41,1035	1,0322	39,0762	43,1262
Balci_To	,0179	,0112	,0648	-,1177	,1381
IPC_C	,2950	,3045	,1217	,0671	,5434
Int_1	,0032	,0032	,0068	-,0103	,0173

\*\*\*\*\* ANALYSIS NOTES AND ERRORS  
 \*\*\*\*\*

Level of confidence for all confidence intervals in output:  
 95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:  
 5000

NOTE: The following variables were mean centered prior to analysis:  
 IPC\_C Balci\_To

----- END MATRIX -----

## **Anexo D – Análises de mediação**

**Tabela D.1**

*Variável Mediadora Autocontrole Percebido BSCS\_To*

Run MATRIX procedure:

\*\*\*\*\* PROCESS Procedure for SPSS Version 4.2 \*\*\*\*\*

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. [www.afhayes.com](http://www.afhayes.com)

Documentation available in Hayes (2022). [www.guilford.com/p/hayes3](http://www.guilford.com/p/hayes3)

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Model : 4

Y : IS\_Total

X : Balci\_To

M : BSCS\_To

Sample

Size: 117

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

BSCS\_To

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,2159	,0466	77,0291	5,6206	1,0000	115,0000	,0194

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	49,0080	1,7559	27,9102	,0000	45,5299	52,4861
Balci_To	-,1240	,0523	-2,3708	,0194	-,2277	-,0204

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,3369	,1135	111,5212	7,2962	2,0000	114,0000	,0010

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	59,2355	5,8907	10,0557	,0000	47,5660	70,9051
Balci_To	,0193	,0645	,2991	,7654	-,1084	,1470
BSCS_To	-,4100	,1122	-3,6539	,0004	-,6323	-,1877

\*\*\*\*\* DIRECT AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y

\*\*\*\*\*

Direct effect of X on Y

Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
,0193	,0645	,2991	,7654	-,1084	,1470

Indirect effect(s) of X on Y:

Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
BSCS_To	,0509	,0260	,0064

\*\*\*\*\* BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL PARAMETERS \*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

BSCS\_To

Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
-------	----------	--------	----------	----------

constant	49,0080	49,0064	1,7739	45,4959	52,4717
Balci_To	-,1240	-,1237	,0532	-,2280	-,0199

-----

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	59,2355	59,5144	6,2071	46,8347	71,2887
Balci_To	,0193	,0187	,0640	-,1102	,1454
BSCS_To	-,4100	-,4153	,1177	-,6458	-,1828

\*\*\*\*\* ANALYSIS NOTES AND ERRORS

\*\*\*\*\*

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

5000

----- END MATRIX -----

**Tabela D.2**

*Variável Mediadora Responsabilidade Excessiva RAS\_To*

Run MATRIX procedure:

\*\*\*\*\* PROCESS Procedure for SPSS Version 4.2 \*\*\*\*\*

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. [www.afhayes.com](http://www.afhayes.com)

Documentation available in Hayes (2022). [www.guilford.com/p/hayes3](http://www.guilford.com/p/hayes3)

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Model : 4

Y : IS\_Total

X : Balci\_To

M : RAS\_To

Sample

Size: 117

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

RAS\_To

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,4604	,2120	579,3227	30,9309	1,0000	115,0000	,0000

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	114,8788	4,8154	23,8563	,0000	105,3403	124,4172
Balci_To	-,7981	,1435	-5,5616	,0000	-1,0823	-,5138

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,1119	,0125	124,2216	,7225	2,0000	114,0000	,4877

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	41,9963	5,4387	7,7218	,0000	31,2223	52,7703
Balci_To	,0503	,0749	,6723	,5028	-,0980	,1986
RAS_To	-,0248	,0432	-,5751	,5663	-,1104	,0607

\*\*\*\*\* DIRECT AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y  
\*\*\*\*\*

Direct effect of X on Y

Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
,0503	,0749	,6723	,5028	-,0980	,1986

Indirect effect(s) of X on Y:

Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
RAS_To	,0198	,0327	-,0462 ,0848

\*\*\*\*\* BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL  
PARAMETERS \*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

RAS\_To

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	114,8788	114,8415	5,6469	103,5959	125,9383
Balci_To	-,7981	-,7931	,1484	-1,0769	-,4909

-----

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	41,9963	42,0705	5,0740	31,5885	51,3272

Balci\_To ,0503 ,0486 ,0710 -,0937 ,1918  
RAS\_To -,0248 -,0251 ,0404 -,1015 ,0557

\*\*\*\*\* ANALYSIS NOTES AND ERRORS \*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*

Level of confidence for all confidence intervals in output:  
95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:  
5000

----- END MATRIX -----

**Tabela D.3**

*Variável Mediadora Locus De Controlo Interno IPC\_ILC*

Run MATRIX procedure:

\*\*\*\*\* PROCESS Procedure for SPSS Version 4.2 \*\*\*\*\*

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. [www.afhayes.com](http://www.afhayes.com)

Documentation available in Hayes (2022). [www.guilford.com/p/hayes3](http://www.guilford.com/p/hayes3)

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Model : 4

Y : IS\_Total

X : Balci\_To

M : IPC\_ILC

Sample

Size: 117

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IPC\_ILC

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,0079	,0001	72,0647	,0073	1,0000	115,0000	,9322

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	27,7776	1,6984	16,3552	,0000	24,4134	31,1418
Balci_To	,0043	,0506	,0852	,9322	-,0959	,1046

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,1400	,0196	123,3290	1,1403	2,0000	114,0000	,3233

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	35,4965	4,0520	8,7602	,0000	27,4694	43,5235
Balci_To	,0696	,0662	1,0508	,2956	-,0616	,2007
IPC_ILC	,1313	,1220	1,0762	,2841	-,1104	,3729

\*\*\*\*\* DIRECT AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y

\*\*\*\*\*

Direct effect of X on Y

Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
,0696	,0662	1,0508	,2956	-,0616	,2007

Indirect effect(s) of X on Y:

Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI	
IPC_ILC	,0006	,0089	-,0197	,0184

\*\*\*\*\* BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL  
PARAMETERS \*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IPC\_ILC

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	27,7776	27,7786	1,9469	23,8234	31,4914
Balci_To	,0043	,0041	,0529	-,0966	,1089

-----

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	35,4965	35,4424	2,9476	29,2957	40,9844
Balci_To	,0696	,0686	,0642	-,0588	,1971
IPC_ILC	,1313	,1339	,1010	-,0586	,3372

\*\*\*\*\* ANALYSIS NOTES AND ERRORS

\*\*\*\*\*

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

5000

----- END MATRIX -----

**Tabela D.4**

*Variável Mediadora Locus De Controlo Externo “Outros Poderosos” IPC\_PO*

Run MATRIX procedure:

\*\*\*\*\* PROCESS Procedure for SPSS Version 4.2 \*\*\*\*\*

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. [www.afhayes.com](http://www.afhayes.com)

Documentation available in Hayes (2022). [www.guilford.com/p/hayes3](http://www.guilford.com/p/hayes3)

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Model : 4

Y : IS\_Total

X : Balci\_To

M : IPC\_PO

Sample

Size: 117

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IPC\_PO

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,1855	,0344	83,4233	4,0994	1,0000	115,0000	,0452

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	10,3941	1,8273	5,6881	,0000	6,7745	14,0137
Balci_To	,1102	,0545	2,0247	,0452	,0024	,2181

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,1993	,0397	120,7985	2,3582	2,0000	114,0000	,0992

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	36,9394	2,4891	14,8405	,0000	32,0085	41,8703
Balci_To	,0468	,0667	,7013	,4845	-,0853	,1789
IPC_PO	,2120	,1122	1,8896	,0614	-,0103	,4343

\*\*\*\*\* DIRECT AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y

\*\*\*\*\*

Direct effect of X on Y

Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
,0468	,0667	,7013	,4845	-,0853	,1789

Indirect effect(s) of X on Y:

Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
IPC_PO	,0234	,0218	-,0048 ,0770

\*\*\*\*\* BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL  
PARAMETERS \*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IPC\_PO

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	10,3941	10,3446	2,0429	6,3688	14,3089
Balci_To	,1102	,1125	,0671	-,0132	,2469

-----

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	36,9394	36,9912	2,4223	32,0398	41,7580
Balci_To	,0468	,0436	,0672	-,0900	,1764
IPC_PO	,2120	,2166	,1130	-,0074	,4401

\*\*\*\*\* ANALYSIS NOTES AND ERRORS

\*\*\*\*\*

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

5000

----- END MATRIX -----

**Tabela D.5**

*Variável Mediadora Locus De Controlo Externo “Chance” IPC\_C*

Run MATRIX procedure:

\*\*\*\*\* PROCESS Procedure for SPSS Version 4.2 \*\*\*\*\*

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. [www.afhayes.com](http://www.afhayes.com)

Documentation available in Hayes (2022). [www.guilford.com/p/hayes3](http://www.guilford.com/p/hayes3)

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Model : 4

Y : IS\_Total

X : Balci\_To

M : IPC\_C

Sample

Size: 117

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IPC\_C

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,2883	,0831	74,0972	10,4253	1,0000	115,0000	,0016

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	11,2824	1,7222	6,5512	,0000	7,8711	14,6937
Balci_To	,1657	,0513	3,2288	,0016	,0640	,2674

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,2455	,0603	118,2136	3,6562	2,0000	114,0000	,0289

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	35,8501	2,5490	14,0641	,0000	30,8005	40,8998
Balci_To	,0218	,0677	,3217	,7483	-,1123	,1559
IPC_C	,2919	,1178	2,4782	,0147	,0586	,5252

\*\*\*\*\* DIRECT AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y

\*\*\*\*\*

Direct effect of X on Y

Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
,0218	,0677	,3217	,7483	-,1123	,1559

Indirect effect(s) of X on Y:

Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
IPC_C	,0484	,0294	,0051

\*\*\*\*\* BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL PARAMETERS \*\*\*\*\*

OUTCOME VARIABLE:

IPC\_C

Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
-------	----------	--------	----------	----------

constant	11,2824	11,2292	1,9424	7,5176	15,1647
Balci_To	,1657	,1671	,0598	,0510	,2837

-----

OUTCOME VARIABLE:

IS\_Total

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	35,8501	35,8413	2,4502	31,0596	40,5598
Balci_To	,0218	,0179	,0672	-,1164	,1516
IPC_C	,2919	,2978	,1196	,0564	,5209

\*\*\*\*\* ANALYSIS NOTES AND ERRORS

\*\*\*\*\*

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

5000

----- END MATRIX -----